

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO 4



4ª temporada
de Outlander
exclusiva no

FOX PREMIUM
APP & TV

DIANA GABALDON

PRÓLOGO

Nunca tive medo de fantasmas. Afinal, vivo com eles todos os dias. Quando me vejo no espelho, os olhos de minha mãe estão fixos em mim; minha boca esboça o sorriso que atraiu meu bisavô.

Não, como poderia temer o toque daquelas mãos que se foram, pousadas em mim com amor desconhecido? Como poderia temer aqueles que moldaram minha carne, deixando seus traços vivos em mim muito depois de partirem?

Temo ainda menos aqueles fantasmas que invadem meus pensamentos. Qualquer biblioteca está cheia deles. Posso pegar um livro de uma estante empoeirada e ser assombrada pelos pensamentos de um falecido há muito tempo, ainda vivo como sempre nas longas páginas repletas de palavras.

Claro que não são esses fantasmas familiares e costumeiros que perturbam nosso sono e nos fazem acordar. Olhe para trás, segure uma tocha para iluminar os cantos escuros. Ouça os passos que ecoam por onde você veio, quando caminha sozinho.

Os fantasmas passam por nós e através de nós o tempo todo, escondendo-se no futuro. Ao olharmos no espelho, vemos as sombras de outros rostos olhando para trás no decorrer dos anos; vemos a silhueta da lembrança, sólida numa entrada vazia. Por sangue e por escolha, criamos nossos fantasmas; nós nos assombramos.

Cada fantasma vem de forma espontânea de locais cheios de névoas de sonho e silêncio.

Nosso lado racional diz: “Não, não é.”

Mas outra parte de nossa mente, mais antiga, sempre rebate, de forma suave, no escuro: “Sim, mas *poderia ser*.”

Nós entramos e saímos da esfera do mistério e, nesse meio-tempo, tentamos esquecer. Mas há uma brisa que entra em uma sala tranquila e sopra meus cabelos de vez em quando com carinho. Acho que ela é a minha mãe.

PARTE I

Admirável Mundo Novo



UM ENFORCAMENTO NO ÉDEN

Charleston, junho de 1767

Ouvi os tambores muito antes de eles aparecerem. As batidas ecoaram na boca do meu estômago, como se eu também fosse oca. O som percorreu a multidão. O forte ritmo militar deveria ser ouvido acima de discursos ou tiros. Vi pessoas olharem para os lados enquanto se calavam, encarando a extensão da East Bay Street, que partia da estrutura mal erguida da nova Customs House em direção aos Jardins de White Point.

Era um dia quente, até mesmo para Charleston em junho. Os melhores lugares eram perto do mar, onde a brisa soprava, mas onde eu estava, era como se eu estivesse sendo assada viva. Meu vestido estava ensopado, e o corpete de algodão grudava em meus seios. Sequei o rosto pela décima vez em poucos minutos e ergui a trança pesada, esperando que o vento frio soprasse em meu pescoço.

No momento, eu estava morbidamente atenta a pescoços. Sem disfarçar, levei a mão ao meu, envolvendo-o com os dedos. Conseguia sentir o batimento em minhas artérias carótidas, junto com os tambores, e quando respirei, o ar quente e úmido tomou minha garganta como se me sufocasse.

Afastei minha mão e respirei o mais fundo que consegui – o que acabou sendo um erro. O homem à minha frente não devia tomar banho havia pelo menos um mês; ao redor do pescoço grosso, a gola de sua camisa estava escura de sujeira e suas roupas exalavam um odor azedo e rançoso, forte até mesmo em meio ao cheiro de suor da multidão. O cheiro de comida que vinha das barracas – pão quente e porco frito – se misturava ao forte odor almiscarado da grama apodrecida do pântano, e a brisa salgada que vinha do porto pouco fazia para suavizá-lo.

Havia várias crianças à minha frente, esticando o pescoço para espiar, correndo à sombra dos carvalhos e palmeiras a fim de olhar para a rua, e os pais ansiosos as chamavam de volta. A garota mais próxima a mim tinha um pescoço muito branco e comprido, que me fez pensar num talo de aipo.

Houve uma onda de comoção pela multidão; dava para ver a procissão de forcas no fim da rua. As batidas dos tambores ficaram mais altas.

- Onde ele está? – murmurou Fergus ao meu lado, dobrando o pescoço para ver.
- Eu sabia que devia ter ido com ele!
- Ele virá – respondi.

Quis ficar na ponta dos pés, mas pensei que isso seria indigno. Porém olhei ao redor, procurando. Sempre conseguia localizar Jamie em meio à multidão; ele era

mais alto do que a maioria dos homens e a luz refletia em seus cabelos com um brilho dourado-avermelhado. Ainda não havia sinal dele, apenas um mar de toucas e tricórnios que protegiam do calor os cidadãos que chegavam tarde demais para encontrar um lugar à sombra.

As bandeiras vieram primeiro, esvoaçando acima das cabeças da multidão animada, com as flâmulas da Grã-Bretanha e da Colônia Real da Carolina do Sul. E outra com os brasões da família do governador da colônia.

Logo depois vieram os tocadores de bumbo, caminhando de dois em dois no mesmo ritmo, com as baquetas se alternando entre batida e movimento. Era uma marcha lenta, tristemente inexorável. Parecia uma marcha fúnebre – muito adequada, naquelas circunstâncias. Todos os outros barulhos foram abafados pelo rufar dos tambores.

Então veio o pelotão de soldados de casacos vermelhos e, em meio a eles, os prisioneiros.

Eram três, com as mãos amarradas à frente do corpo, unidas por uma corrente que passava por anéis nos grilhões de ferro que envolviam seus pescoços. O primeiro homem era baixo e idoso, atordoado e cambaleante, uma ruína que se arrastava, de modo que o clérigo de roupas pretas que caminhava ao lado dos prisioneiros era obrigado a segurar o braço dele para que não caísse.

– Aquele é Gavin Hayes? Ele parece doente – murmurei a Fergus.

– Ele está bêbado. – A voz suave veio de trás de mim, e eu me virei e vi Jamie, com os olhos fixos na triste procissão.

O desequilíbrio do homenzinho atrapalhava o progresso do cortejo, uma vez que seu caminhar trôpego forçava os dois homens acorrentados a ele a andar em ziguezague para se manterem de pé. A impressão que davam era a de serem três bêbados voltando para casa depois de saírem de uma taverna; totalmente discrepante da solenidade da ocasião. Consegui ouvir os risos acima do som dos tambores e gritos da multidão nas varandas de ferro forjado das casas na East Bay Street.

– Você é responsável por isso? – perguntei baixinho, para não chamar atenção, mas eu poderia ter gritado e balançado os braços; ninguém prestava atenção em mais nada além da cena à nossa frente.

Eu mais senti do que vi o dar de ombros de Jamie ao se apressar para ficar ao meu lado.

– Foi o que ele me pediu – disse Jamie. – E é o melhor que eu poderia fazer por ele.

– Conhaque ou uísque? – perguntou Fergus, avaliando a aparência de Hayes com olhos experientes.

– O homem é escocês, Fergus. – A voz de Jamie estava tão calma quanto seu rosto, mas senti o leve estresse nela. – Ele quis uísque.

– Escolha sábia. Com sorte, pode ser que nem perceba quando for enforcado – murmurou Fergus.

O homem pequeno escapara da mão do pároco e tinha caído de cara na estrada de

terra, puxando junto um de seus companheiros, que caiu de joelhos; o último prisioneiro, um jovem alto, permaneceu de pé, mas se balançou de um lado a outro, tentando manter o equilíbrio desesperadamente. A multidão na rua gritou de entusiasmo.

O capitão da guarda estava muito vermelho entre o branco de sua peruca e o metal da gorjeira, tanto pela fúria quanto pelo sol. Ele vociferou uma ordem enquanto os tambores continuavam rufando, e um soldado se aproximou depressa para tirar a corrente que mantinha os prisioneiros juntos. Hayes foi puxado sem qualquer cerimônia para ficar de pé, um soldado segurando cada braço, e a procissão foi retomada em melhor ordem.

Ninguém ria quando eles chegaram às forcas – uma carroça puxada por uma mula posicionada embaixo dos galhos de um enorme carvalho. Eu conseguia sentir o toque dos tambores pelas solas dos meus pés. Sentia-me um pouco mal com o sol e os cheiros. Os tambores pararam de repente e o silêncio ressoou em meus ouvidos.

– Não precisa ver isso, Sassenach – sussurrou Jamie para mim. – Volte para a carroça.

Ele olhava sem piscar para Hayes, que sacolejava e resmungava enquanto era mantido preso pelos soldados, e olhava ao redor, confuso.

A última coisa que eu queria era ver aquilo. Mas também não podia deixar Jamie presenciar tudo sozinho. Ele estava ali por Gavin Hayes; e eu, por ele. Segurei sua mão.

– Vou ficar.

Jamie se endireitou, ajeitando os ombros. Deu um passo à frente, tomando o cuidado de permanecer à vista na multidão. Se Hayes ainda estivesse sóbrio o bastante para ver alguma coisa, a última coisa que veria na Terra seria o rosto de um amigo.

Ele ainda estava; Hayes olhava de um lado a outro enquanto o colocavam na carroça, virando o pescoço, procurando desesperadamente.

– *Gabhainn! A charaid!* – gritou Jamie de repente.

Os olhos de Hayes se voltaram para ele no mesmo instante e o prisioneiro parou de lutar.

O homem baixo ficou balançando devagar de um lado a outro enquanto a acusação era lida: roubo da quantia de 6 libras e 10 xelins. Estava coberto por uma poeira avermelhada, e gotas de suor se prendiam trêmulas à sua barba grisalha. O pároco estava se inclinando, murmurando depressa no ouvido dele.

Então os tambores começaram de novo, em um rufar constante. O algóz passou o laço por cima da cabeça careca e o prendeu com força, posicionando o nó de modo preciso, logo abaixo da orelha. O capitão da guarda permaneceu ao lado, com o sabre em riste.

De repente, o condenado se endireitou. Olhando para Jamie, ele abriu a boca como se pretendesse falar.

O sabre reluziu ao sol da manhã e os tambores pararam.

Eu olhei para Jamie; ele estava com os lábios pálidos e os olhos arregalados. Pelo canto do olho, vi a corda se esticando e o baque débil e involuntário do saco de roupas pendurado. Um fedor forte de urina e fezes pairava no ar pesado.

Do meu outro lado, Fergus observava, sereno.

– Acho que ele percebeu – murmurou com pesar.

O corpo balançou um pouco, um peso morto oscilando como um fio de prumo. A multidão suspirou, surpresa e aliviada. Andorinhas-do-mar gralharam no céu avermelhado, e os sons do porto surgiram fracos e se espalharam pela atmosfera pesada, mas o silêncio prevaleceu. De onde eu estava, conseguia ouvir o leve respingar das gotas que caíam da ponta do sapato do cadáver.

Eu não conhecia Gavin Hayes e não senti tristeza por sua morte, mas fiquei feliz por ter sido rápida. Olhei brevemente para ele, com uma sensação esquisita de intrusão. Era uma maneira muito pública de realizar um ato muito particular, e eu me senti um pouco envergonhada por estar olhando.

O algoz sabia o que estava fazendo; não houve luta indigna, olhos arregalados nem língua para fora; a cabeça pequena de Gavin se inclinou de uma vez para o lado, com o pescoço esticado de modo grotesco e totalmente quebrado.

Foi uma lesão limpa em mais de um sentido. O capitão da guarda, satisfeito por Hayes estar morto, fez um gesto com o sabre para que o próximo homem fosse levado ao patíbulo. Vi seus olhos percorrerem a fila de capas vermelhas e se arregalarem, surpresos.

No mesmo instante, ouviu-se um grito da multidão, e uma onda de animação que logo se espalhou. As pessoas viraram as cabeças e se empurraram umas contra as outras, esforçando-se para ver onde não havia nada a ser visto.

– Ele se foi! Lá vai ele! Parem-no! – diziam elas.

O terceiro prisioneiro, o jovem alto, aproveitara o momento da morte de Gavin para fugir e se salvar, passando pelo guarda que deveria tê-lo vigiado, mas que não fora capaz de resistir ao fascínio da força.

Vi um leve movimento atrás de uma barraca de produtos, cabelos louro-escuros de relance. Alguns dos soldados também viram e correram para lá, mas muitos outros estavam correndo em outras direções, e entre as colisões e a confusão, nada era alcançado.

O capitão da guarda estava gritando, o rosto vermelho, sua voz quase inaudível acima da comoção. O prisioneiro restante, assustado, foi pego e arrastado de volta na direção da Corte da Guarda enquanto os casacos vermelhos começavam a se reorganizar sob as ordens do capitão.

Jamie passou um braço pela minha cintura e me tirou do caminho de uma onda de pessoas. A multidão voltou à frente do avanço de pelotões de soldados, que se formaram e marcharam depressa para vigiar a área, sob o comando sério e furioso de seu sargento.

– É melhor encontrarmos Ian – disse Jamie, afastando um grupo de aprendizes ani-

mados. Ele olhou para Fergus e meneou a cabeça em direção à força e sua carga melancólica. – Cuide do corpo, está bem? Nós nos encontramos no Willow Tree mais tarde.

– Você acha que eles o pegarão? – perguntei enquanto passávamos pela multidão, caminhando por uma rua de pedras rumo ao cais onde ficavam os vendedores.

– Acho que sim. Aonde ele poderia ir? – Jamie falava de modo distraído, com uma leve ruga na testa. Era claro que ainda pensava no morto e que, naquele momento, tinha pouca atenção a dar aos vivos.

– Hayes tinha família? – perguntei.

Ele balançou a cabeça, negando.

– Perguntei isso a ele quando lhe dei o uísque. Hayes acreditava que podia ter um irmão vivo, mas não sabia onde. O irmão foi deportado logo depois da Revolta. Ele achava que o irmão estava na Virgínia, mas não soubera de nada desde então.

Não era de surpreender que não soubesse; um trabalhador contratado não teria meios de se comunicar com parentes deixados na Escócia, a menos que o empregador do homem fizesse a gentileza de enviar uma carta em seu nome. E com ou sem gentileza, era improvável que uma carta chegasse a Gavin Hayes, que passara dez anos na prisão de Ardsmuir antes de ser deportado.

– Duncan! – gritou Jamie, e um homem magro e alto virou-se e ergueu a mão para cumprimentá-lo. Passou pela multidão em zigue-zague, com seu único braço formando um arco que afastava quem passava.

– *Mac Dubh* – disse ele, fazendo um meneio de cabeça para Jamie. – Sra. Claire.

O rosto comprido e estreito estava marcado pela tristeza. Duncan já tinha sido prisioneiro em Ardsmuir com Hayes e Jamie. Mas a perda do braço devido a uma infecção impedira sua partida com os outros. Inadequado para ser vendido para trabalhar, ele fora perdoado e solto, para morrer de fome, até Jamie encontrá-lo.

– Que Deus dê descanso ao pobre Gavin – disse Duncan, balançando a cabeça, triste.

Jamie murmurou algo em gaélico em resposta e se benzeu. Então endireitou-se, afastando a opressão do dia com esforço visível.

– Bem, tenho que ir às docas cuidar da travessia de Ian, e então pensaremos no enterro de Gavin. Mas preciso definir as coisas para o rapaz primeiro.

Passamos com dificuldade pela multidão em direção às docas, espremendo-nos entre os fofoqueiros animados, esquivando-nos das charretes e carrinhos de mão que seguiam com a indiferença típica do comércio.

Uma fila de soldados de casacos vermelhos apareceu em marcha rápida do outro lado do cais, separando a multidão como vinagre na maionese. O sol brilhava forte na fila de pontas de baioneta e o ritmo das batidas reverberava pela multidão como um tambor abafado. Até mesmo os trenós estrondeantes e as carrinhas paravam abruptamente para permitir que eles passassem.

– Vigie seu bolso, Sassenach – murmurou Jamie em meu ouvido, levando-me por

um espaço estreito entre um escravo de turbante que segurava duas crianças pequenas e um pregador de rua empoleirado em cima de uma caixa. Ele gritava algo sobre pecado e arrependimento, mas, em meio ao barulho, eu conseguia compreender apenas uma palavra a cada três.

– Eu o costurei – disse a ele, mas mesmo assim levei os dedos ao pequeno peso pendurado contra a minha coxa. – E o seu?

Ele sorriu e inclinou o chapéu para a frente, estreitando os olhos azul-escuros sob a forte luz do sol.

– É onde minha bolsa de couro estaria se tivesse uma. Desde que eu não encontre uma meretriz de mão rápida, estarei seguro.

Olhei para a parte da frente levemente protuberante de sua calça, que ia até a altura dos joelhos, e então para ele. De ombros largos e alto, com traços firmes e marcados e uma postura orgulhosa de homem das Terras Altas, Jamie chamava a atenção de todas as mulheres pelas quais passava, mesmo com os cabelos cobertos por um tricórnio azul-claro. A calça, que era emprestada, estava bastante justa e não diminuía em nada o efeito geral, que era intensificado pelo fato de Jamie ser totalmente alheio a ele.

– Você é um incentivo ambulante para meretrizes – eu disse. – Fique perto de mim, vou proteger você.

Ele riu e pegou meu braço enquanto chegávamos a um pequeno espaço aberto.

– Ian! – gritou ele ao ver o sobrinho por cima das cabeças das pessoas.

Um momento depois, um garoto alto e magro apareceu em meio à multidão, afastando dos olhos uma mecha de cabelos castanhos e abrindo um sorriso largo.

– Pensei que nunca fosse encontrar você, tio! – exclamou ele. – Por Cristo, tem mais gente aqui do que no Lawnmarket em Edimburgo! – Ian passou a manga do casaco no rosto comprido e meio rústico, deixando um rastro de sujeira em uma das bochechas.

Jamie olhou para o sobrinho de esguelha.

– Você está parecendo indecentemente contente para quem acabou de ver um homem morrer, Ian.

Ian logo alterou a expressão em uma tentativa de parecer decentemente sério.

– Ah, não, tio Jamie – disse ele. – Não vi o enforcamento. – Duncan ergueu a sobrançelha e Ian corou. – Eu... eu não estava com medo de ver; é só que... eu queria fazer outra coisa.

Jamie sorriu e deu um tapinha nas costas do sobrinho.

– Não se preocupe, Ian. Eu preferia não ter visto, mas Gavin era um amigo.

– Eu sei, tio. Sinto muito por isso. – Um sinal de solidariedade passou pelos olhos grandes e castanhos do garoto, o único traço de seu rosto com certa beleza. Ele olhou para mim. – Foi horrível, tia?

– Sim – respondi –, mas acabou. – Tirei o lenço úmido de meu colo e fiquei na ponta dos pés para limpar a sujeira de seu rosto.

Duncan Innes balançou a cabeça com pesar.

– Ah, pobre Gavin. Ainda assim, é uma morte mais rápida do que morrer de fome e restava pouco para ele além disso.

– Vamos – interrompeu Jamie, sem querer perder tempo com lamentações inúteis.

– O *Bonnie Mary* deve estar perto da ponta do desembarcadouro.

Vi Ian olhar para Jamie e se posicionar como se quisesse falar alguma coisa, mas Jamie já havia se virado em direção ao porto e passava entre a multidão. Ian olhou para mim de relance, deu de ombros e me ofereceu o braço.

Seguimos Jamie atrás dos galpões que pontuavam as docas, desviando de marinhheiros, carregadores, escravos, passageiros, clientes e mercadores de todos os tipos. Charleston era um importante porto de remessa, e os negócios estavam a toda, com cerca de cem navios chegando e partindo para a Europa todos os meses na temporada.

O *Bonnie Mary* pertencia a um amigo do primo de Jamie, Jared Fraser, que partira para a França para fazer sua fortuna no ramo de vinhos e fora muito bem-sucedido. Com sorte, o capitão do *Bonnie Mary* poderia ser convencido, em nome de Jared, a levar Ian de volta a Edimburgo, permitindo que o rapaz trabalhasse como ajudante para pagar a passagem.

Ian não se animara com a ideia, mas Jamie estava determinado a mandar seu sobrinho errante de volta à Escócia na primeira oportunidade que tivesse. As notícias a respeito da presença do *Bonnie Mary* em Charleston, além de outros assuntos, é que nos tiraram da Geórgia, o primeiro local dos Estados Unidos a que tínhamos ido – por acidente –, dois meses antes.

Quando passamos por uma taverna, uma atendente mal-arrumada saiu com uma bacia de lavagem. Ela viu Jamie e ficou de pé, com a bacia apoiada no quadril, erguendo a sobrancelha e sorrindo. Ele passou sem olhar, concentrado em seu objetivo. Ela jogou a cabeça para trás, despejou a lavagem para o porco que dormia perto de um degrau e entrou de novo.

Jamie parou, protegendo os olhos para enxergar a fileira de mastros de navios, e eu parei ao seu lado. Levou a mão à frente da calça sem perceber, ajeitando o volume, e eu segurei seu braço.

– As joias da família continuam seguras, certo? – murmurei.

– Desconfortáveis, mas seguras – disse ele. Jamie puxou o cordão da braguilha, fazendo uma careta. – Acho que teria sido mais fácil escondê-las em meu traseiro.

– Antes você do que eu, amigo – falei, sorrindo. – Eu preferiria correr o risco de ser roubada.

Nós tínhamos sido levados para a costa da Geórgia por um furacão e chegamos ensopados, acabados e miseráveis, só com algumas pedras preciosas – grandes e valiosas.

Eu esperava que o capitão do *Bonnie Mary* tivesse consideração suficiente em relação a Jared Fraser para aceitar Ian como ajudante, porque, caso contrário, teríamos dificuldades com a travessia.

Em teoria, dentro do saco de Jamie e do meu bolso, havia uma fortuna razoável. Na prática, pensávamos nelas como pedras da praia, pois para nós eram indiferentes. Apesar de as pedras preciosas serem um modo fácil e compacto de transportar riquezas, o problema era trocá-las por dinheiro.

A maioria do comércio nas colônias do Sul era realizada por meio de permuta. Quando não, era feito com trocas de notas promissórias emitidas em nome de um mercador rico ou de um banqueiro. Havia poucos banqueiros ricos na região da Geórgia; os dispostos a prender seu capital disponível em pedras preciosas eram menos ainda. O próspero fazendeiro de arroz com quem havíamos nos hospedado em Savannah garantiria que ele próprio mal conseguia pôr as mãos em 2 libras esterlinas em dinheiro. De fato, provavelmente não havia 10 libras em ouro ou prata em toda a colônia.

Também não havia nenhuma chance de vender uma das pedras nas extensões infundáveis de lodaçais e florestas de pinheiros pelas quais tínhamos passado em nossa ida ao norte. Charleston foi a primeira cidade que havíamos alcançado de tamanho suficiente para receber mercadores e banqueiros que poderiam ajudar a transformar em dinheiro pelo menos uma parte de nossos bens, congelados na forma de pedras preciosas.

Não que alguma coisa pudesse permanecer congelada por muito tempo em Charleston no verão, refleti. Gotas de suor escorriam por meu pescoço e a combinação de linho por baixo do corpete estava ensopada e amassada contra a pele. Mesmo tão perto do porto, não ventava naquela hora do dia, e o cheiro de alcatrão quente, peixe morto e trabalhadores suados era quase insuportável.

Apesar dos protestos deles, Jamie insistira em dar uma de nossas pedras preciosas como um sinal de agradecimento ao sr. e à sra. Olivier, as pessoas gentis que haviam nos abrigado quando praticamente saímos do naufrágio direto para a porta da casa deles. Em troca, eles nos deram uma carroça, dois cavalos, roupas limpas para a viagem, alimentos para a jornada e uma pequena quantia em dinheiro.

Desse dinheiro, 6 xelins e 3 pence permaneciam em meu bolso, constituindo a totalidade de nossa fortuna disponível.

– Por aqui, tio Jamie – disse Ian, virando-se e fazendo um gesto ao tio. – Tenho algo para lhe mostrar.

– O que é? – perguntou Jamie, abrindo caminho por vários escravos suados que estavam colocando blocos empoeirados de anileira seca em um navio de carga ancorado. – Algo seu? E como conseguiu? Não tem dinheiro nenhum, tem?

– Não, eu o ganhei jogando – respondeu Ian, já oculto atrás de uma carga de milho.

– Jogando! Ian, pelo amor de Deus, você não pode estar apostando quando não tem dinheiro nenhum para se manter! – Segurando o meu braço, Jamie passou pela multidão para acompanhar seu sobrinho.

– O senhor faz isso o tempo todo, tio Jamie – disse o menino, parando para nos esperar. – Tem feito isso em todas as tavernas e hospedarias em que ficamos.

– Meu Deus, Ian, são cartas, não dados! E eu sei o que estou fazendo!

– Eu também sei – disse Ian, tímido. – Afinal, eu ganhei, não foi?

Jamie revirou os olhos para o céu, implorando por paciência.

– Nossa, Ian, estou feliz por você estar indo para casa antes de perder a cabeça. Prometa que não vai mais apostar com os marinheiros. Não tem como escapar deles em um navio.

Ian não estava prestando atenção; caminhou até um poste meio destruído, ao redor do qual havia uma corda grossa. Ian parou e olhou para nós, apontando para um animal a seus pés.

– Estão vendo? É um cão – disse Ian com orgulho.

Dei um passo rápido para trás de Jamie, segurando seu braço.

– Ian, isso não é um cão – eu disse. – É um lobo. É um maldito lobo *grande*, e eu acho que você deveria se afastar antes que ele morda seu traseiro.

O lobo mexeu uma orelha de modo despreocupado na minha direção, me ignorou e voltou a orelha à posição inicial. Continuou sentado, ofegante de calor, os grandes olhos amarelos fixos em Ian com uma intensidade que poderia ser entendida como devoção por alguém que não tivesse visto um lobo antes. Eu já tinha visto.

– Essas coisas são perigosas – falei. – Eles mordem assim que nos veem.

Ignorando o comentário, Jamie inclinou-se para inspecionar a fera.

– Não é bem um lobo, é?

Parecendo interessado, ele estendeu a mão para o suposto cachorro, convidando-o a cheirar seus dedos. Fechei os olhos, esperando a iminente amputação da mão. Não ouvi gritos, então abri os olhos de novo e o vi agachado no chão, espiando dentro das narinas do animal.

– É uma bela criatura, Ian – comentou Jamie, acariciando o animal embaixo do queixo, à vontade. Os olhos amarelos se estreitaram um pouco, ou por prazer com a atenção recebida ou, o que pensei ser mais provável, esperando para arrancar o nariz de Jamie. – Mas é maior que um lobo. É mais largo na cabeça e no peito e tem as patas bem mais compridas.

– A mãe dele era uma cadela de caça irlandesa. – Ian estava abaixado ao lado de Jamie, explicando, alegre, enquanto acariciava as enormes costas marrom-acinzentadas. – Ela partiu para a floresta no cio e quando voltou para dar cria...

– Ah, sim, eu entendi – interrompeu Jamie.

Agora, ele cantarolava em gaélico para o monstro enquanto pegava sua pata enorme e mexia em seus dedos peludos. As garras pretas e curvas tinham cerca de 5 centímetros de comprimento. O animal semicerrou os olhos, e a brisa suave soprava os pelos grossos de seu pescoço.

Olhei para Duncan, que arqueou as sobrancelhas para mim, deu de ombros e suspirou. Duncan não gostava de cães.

– Jamie... – falei.

– *Balach Boidheach* – disse Jamie ao lobo. – Então, você não é um garoto bonito?
– O que ele comeria? – perguntei, um pouco mais alto do que o necessário.

Jamie parou de acariciar a fera.

– Ah! – exclamou ele. Observou o animal de olhos amarelos com certo arrependimento. – Bem... – Ficou de pé, balançando a cabeça com relutância. – Acho que sua tia tem razão, Ian. Como vamos alimentá-lo?

– Ah, isso não é problema, tio Jamie – Ian lhe garantiu. – Ele sabe caçar sozinho.

– Aqui? – Olhei ao redor para os galpões e para a fileira de lojas com fachada de gesso que se estendia adiante. – O que ele caça? Crianças pequenas?

Ian pareceu um pouco magoado.

– Claro que não, tia. Peixes.

Ao ver três rostos desconfiados ao seu redor, Ian se ajoelhou e segurou o focinho da fera com as duas mãos, abrindo sua boca.

– Ele caça, sim! Eu juro, tio Jamie! Venha, sinta o hálito dele!

Jamie lançou um olhar duvidoso para a fileira dupla de presas incrivelmente reluzentes à mostra e esfregou o queixo.

– Eu... hã, acredito no que você diz, Ian. Mas, mesmo assim, pelo amor de Deus, cuidado com os dedos, rapaz!

Ian diminuiu a força, e as mandíbulas enormes se fecharam, espalhando gotas de saliva pelo cais de pedra.

– Estou bem, tio – disse Ian com animação, passando as mãos no calção. – Ele não me morderia, tenho certeza. O nome dele é Rollo.

Jamie passou os nós dos dedos pelo lábio superior.

– Hummmm. Bom, qualquer que seja o nome dele, e seja lá o que ele coma, não acho que o capitão do *Bonnie Mary* vá aceitar de bom grado sua presença nos aposentos da tripulação.

Ian não disse nada, mas sua cara de felicidade não diminuiu. Na verdade, aumentou. Jamie olhou para ele, viu seu rosto iluminado e se retesou.

– Não – disse ele horrorizado. – Ah, não.

– Sim – disse Ian. Um sorriso amplo de felicidade se abriu no rosto ossudo. – Ele partiu há três dias, tio. Estamos atrasados demais.

Jamie disse algo em gaélico que eu não entendi. Duncan parecia escandalizado.

– Droga! – disse Jamie. – Maldição!

Jamie tirou o chapéu e passou a mão pelo rosto com força. Parecia estar com calor, despenteado e totalmente descomposto. Abriu a boca, pensou melhor no que pretendia dizer, fechou-a e correu os dedos pelos cabelos, tirando o laço que os mantinha presos para trás.

Ian parecia desconcertado.

– Sinto muito, tio. Tentarei não ser um incômodo para o senhor, eu juro. E eu posso trabalhar. Ganharei o bastante para pagar minha comida.

O rosto de Jamie suavizou-se quando ele olhou para o sobrinho. Suspirou profundamente e deu um tapinha no ombro de Ian.

– Não é que eu não o queira, Ian. Você sabe que o que eu mais gostaria seria mantê-lo comigo. Mas o que diabos sua mãe dirá?

O brilho voltou ao rosto de Ian.

– Não sei, tio – disse ele –, mas seja lá o que for, ela dirá na Escócia, não? E estamos aqui.

Ian passou o braço ao redor de Rollo e o abraçou. O lobo pareceu levemente surpreso com o gesto, mas depois de um instante, colocou a língua cor-de-rosa e comprida para fora e graciosamente lambeu a orelha de Ian. Sentindo o sabor dele, pensei com cinismo.

– Além disso – acrescentou o garoto –, ela sabe muito bem que estou em segurança. Você escreveu da Geórgia para dizer que eu estava com você.

Jamie deu um sorriso irônico.

– Não posso dizer que saber disso seja muito reconfortante para ela, Ian. Ela me conhece há muito tempo.

Ele suspirou e voltou a colocar o chapéu na cabeça, virando-se para mim.

– Preciso muito de uma bebida, Sassenach – afirmou Jamie. – Vamos procurar aquela taverna.

A Willow Tree estava escura e talvez estivesse fresca se houvesse menos gente ali dentro. Mas os bancos e as mesas estavam lotados com espectadores do enforcamento e marinheiros das docas, e a atmosfera era a de uma sauna. Inspirei ao subir para o bar e então soltei a respiração depressa. Foi como cheirar roupas sujas molhadas de cerveja.

Rollo logo provou seu valor, separando a multidão como o Mar Vermelho ao passar, com a boca arreganhada, mostrando os dentes num rosnado constante e inaudível. Evidentemente, ele estava familiarizado com tavernas. Depois de esvaziar um espaço no canto, ele se enrolou embaixo da mesa e pareceu adormecer.

Fora do sol, com uma grande caneca de cerveja escura espumando delicadamente à sua frente, Jamie logo recuperou seu jeito controlado.

– Temos duas opções – disse ele, afastando os cabelos molhados de suor das têmporas. – Podemos ficar em Charleston tempo suficiente para tentar encontrar um comprador para uma das pedras e talvez conseguir uma passagem para Ian voltar para a Escócia em outro navio ou podemos ir ao norte para Cabo Fear e tentar encontrar um navio para ele em Wilmington ou New Bern.

– Eu prefiro o norte – anunciou Duncan, sem hesitação. – Você já esteve em Cabo Fear, certo? Não gosto da ideia de permanecer muito tempo entre desconhecidos. E seu parente cuidaria para que não fôssemos enganados nem roubados. Aqui... – Ele ergueu um ombro numa indicação eloquente dos não escoceses, aquele bando de desonestos, que nos cercavam.

– Ah, vamos para o norte, tio! – disse Ian rapidamente, antes que Jamie pudesse

responder. Ele secou um pequeno bigode de espuma de cerveja com a manga. – A viagem pode ser perigosa; você precisará de um homem a mais para proteção, não é?

Jamie escondeu sua expressão com o copo, mas eu estava sentada perto o bastante para sentir um tremor tomar conta dele. Ele realmente gostava muito do sobrinho. A verdade é que Ian era o tipo de pessoa que atraía as coisas. Em geral, não era culpa dele, mas ainda assim, ele as atraía.

O garoto fora sequestrado por piratas no ano anterior, e a necessidade de resgatá-lo nos levava, por meios tortuosos e, de maneira geral, perigosos, à América. Nada acontecera recentemente, mas eu sabia que Jamie estava ansioso para levar o sobrinho de 15 anos de volta à Escócia e à sua mãe antes que algo acontecesse.

– Ah... certamente, Ian – concordou Jamie, abaixando o copo. Ele evitou meu olhar, mas eu vi o canto de seu lábio tremer. – Você ajudaria muito, tenho certeza, mas...

– Podemos encontrar índios vermelhos! – disse Ian com os olhos arregalados. Seu rosto, já bronzeado, brilhou de prazer e expectativa. – Ou feras selvagens! O dr. Stern me disse que a mata da Carolina é cheia de criaturas selvagens: ursos, felinos e panteras, e uma coisa fedorenta que os índios chamam de gambá!

Engasguei com a cerveja.

– Tudo bem, tia? – Ian inclinou-se ansiosamente sobre a mesa.

– Sim – falei, limpando meu rosto com o lenço. Sequei as gotas de cerveja espirrada do meu colo, afastando o tecido de meu corpete discretamente do corpo na esperança de deixar ventilar um pouco.

Então vi o rosto de Jamie de relance, e a expressão de descontração reprimida dera lugar a um pequeno franzir de cenho de preocupação.

– Os gambás não são perigosos – afirmei, apoiando uma mão em seu joelho.

Como caçador habilidoso e destemido das Terras Altas, Jamie costumava considerar a fauna desconhecida do Novo Mundo com cautela.

– Hummmm. – O franzir diminuiu, mas uma linha estreita permaneceu entre as sobrancelhas. – Talvez sim, mas e as outras coisas? Não posso dizer que quero encontrar um urso ou um bando de selvagens só com isto à mão. – Ele tocou a grande faca embainhada pendurada em seu cinto.

Por não termos armas, Jamie se preocupou bastante na viagem da Geórgia, e os comentários de Ian a respeito de índios e animais selvagens tinham trazido a preocupação à tona mais uma vez. Além da faca de Jamie, Fergus tinha uma lâmina menor, adequada para cortar cordas e aparar galhos que usávamos em fogueiras. Eram suas únicas armas, e os Olivier não tinham armas nem espadas extras.

No caminho da Geórgia para Charleston, tivemos a companhia de um grupo de agricultores de arroz e anileira cheios de facas, pistolas e mosquetes, levando seus produtos ao porto para serem enviados ao norte para a Pensilvânia e Nova York. Se partíssemos para Cabo Fear agora, estaríamos sozinhos, desarmados e desprotegidos contra qualquer coisa que pudesse surgir das densas florestas.

Ao mesmo tempo, havia motivos urgentes para seguirmos para o norte, e nossa falta de capital disponível era um deles. Cabo Fear era o maior assentamento de escoceses das Terras Altas nas colônias americanas, ostentando várias cidades cujos habitantes tinham emigrado da Escócia nos últimos vinte anos, depois da Batalha de Culloden. E, entre esses emigrantes, estavam os parentes de Jamie, que eu sabia que nos ofereceriam refúgio de boa vontade; um teto, uma cama e tempo para nos estabelecermos nesse novo mundo.

Jamie tomou mais um gole e assentiu com a cabeça.

– Devo dizer que penso como você, Duncan. – Ele se recostou na parede da taverna, olhando casualmente ao redor do salão lotado. – Não sente que estamos sendo observados?

Um arrepio desceu pelas minhas costas, apesar de o rastro de suor fazer a mesma coisa. Duncan arregalou os olhos, e então os estreitou, mas não se virou.

– Ah! – exclamou ele.

– Por *quem*? – perguntei, olhando meio nervosa ao redor.

Não vi ninguém nos observando, mas qualquer um podia estar espreitando sorrateiramente; a taverna estava cheia de pessoas encharcadas em álcool, e o burburinho era alto o suficiente para abafar as conversas, exceto as mais próximas.

– Por qualquer um, Sassenach – respondeu Jamie. Ele olhou para mim de canto de olho e sorriu. – Mas não fique tão assustada com isso. Não estamos em perigo. Não aqui.

– Ainda não – disse Duncan. Ele se inclinou para a frente para servir mais uma caneca de cerveja. – *Mac Dubh* gritou para Gavin na forca, entende? Há quem possa ter percebido. *Mac Dubh*, sendo o homem discreto que é – acrescentou ele de modo seco.

– E os agricultores que vieram conosco da Geórgia já venderam seus suprimentos a esta altura e estarão à vontade em locais como este – disse Jamie, evidentemente aborrido em examinar os desenhos de sua caneca. – Todos eles são homens honestos, mas falam, Sassenach. É uma boa história, não? Aqueles que naufragaram num furacão. E quais são as chances de pelo menos um deles saber um pouco sobre o que trazemos?

– Compreendo – murmurei.

Nós tínhamos atraído o interesse das pessoas devido à nossa associação com um criminoso e não podíamos mais tentar passar por viajantes discretos. Se demorássemos para encontrar um comprador, como era provável, corríamos o risco de ser roubados por pessoas inescrupulosas ou passar pelo escrutínio de autoridades inglesas. Nenhuma das opções era interessante.

Jamie ergueu a caneca, tomou um longo gole e então a pousou com um suspiro.

– Não, acho que talvez não seja inteligente permanecermos na cidade. Veremos Gavin ser enterrado decentemente e então encontraremos um local seguro na mata fora da cidade para dormir. Podemos decidir amanhã se ficamos ou se vamos.

A ideia de passar várias outras noites na mata, com ou sem gambás, não era muito boa. Eu não tirava meu vestido havia oito dias, e lavava só minhas partes íntimas sempre que parávamos perto de um riacho.

Estava ansiosa por uma cama de verdade, ainda que infestada de pulgas, e por uma oportunidade para tirar a sujeira da viagem da última semana. Mas, ainda assim, ele tinha razão. Suspirei, olhando para a barra da minha manga, cinza e suja por ter sido usada por tanto tempo.

Nessa hora a porta da taverna se abriu de repente, interrompendo a minha contemplação, e quatro soldados de casacos vermelhos entraram no salão lotado. Vestiam uniformes completos, empunhavam mosquetes com baionetas fixas e claramente não queriam beber nem jogar.

Dois dos soldados percorreram o salão depressa, olhando embaixo das mesas, enquanto outro entrou na cozinha mais à frente. O quarto permaneceu de guarda na porta, os olhos claros examinando as pessoas. Seu olhar passou por nossa mesa e parou em nós por um momento, tomado de especulação, mas então seguiu, procurando sem parar.

Jamie parecia tranquilo, bebendo a cerveja com aparente calma, mas vi a mão em seu colo se cerrar. Duncan, menos capaz de controlar seus sentimentos, abaixou a cabeça para esconder sua expressão. Nenhum dos dois jamais se sentiria tranquilo na presença de um casaco vermelho, e por um bom motivo.

Ninguém mais pareceu se incomodar com a presença dos soldados. O grupinho de cantores no canto da chaminé continuou cantando uma versão interminável de “Encha todos os copos”, e uma discussão em voz alta começou entre o atendente do bar e alguns aprendizes.

O soldado voltou da cozinha, evidentemente sem encontrar nada. Pisoteando e atropelando um jogo de dados no piso em frente à lareira, ele voltou a se unir com os colegas na porta. Quando os soldados saíram da taverna, o corpo esguio de Fergus entrou, pressionando-se contra a maçaneta para evitar cotoveladas e cabos de mosquetes.

Vi um dos soldados notar o brilho do metal e observar com interesse o gancho que Fergus usava no lugar da mão esquerda. Olhou para Fergus, mas então apoiou o mosquete no ombro e partiu atrás de seus companheiros.

Fergus passou pelas pessoas e se sentou no banco ao lado de Ian. Parecia sentir calor e irritação.

– Sanguessuga *salaud* – disse ele sem pestanejar.

Jamie ergueu a sobrancelha.

– O padre – disse Fergus.

Ele pegou a caneca que Ian empurrou em sua direção e a esvaziou, engolindo a cerveja. Depois a abaixou, soltou o ar pesadamente e permaneceu ali piscando, parecendo mais feliz. Suspirou e secou os lábios.

– Ele quer 10 xelins para enterrar o homem no pátio da igreja – reclamou Fergus. – Uma igreja anglicana, claro. Não há igrejas católicas aqui. Mercenário de uma figa! Ele sabe que não temos escolha. O corpo mal se manterá até o pôr do sol do jeito que está.

Ele passou um dedo por dentro da gola, puxando o tecido molhado de suor para

longe do pescoço e então bateu o punho na mesa várias vezes para chamar a atenção da atendente, que estava muito ocupada com os pedidos dos clientes.

– Eu disse ao gorducho desgraçado que você decidiria se pagaria ou não. Poderíamos simplesmente enterrá-lo na mata. Mas tínhamos que ter uma pá – acrescentou Fergus, franzindo o cenho. – Esses moradores daqui sabem que somos de fora; pegarão até a nossa última moeda, se puderem.

Última moeda era algo perigosamente próximo da verdade. Eu tinha o suficiente para pagar uma refeição decente na taverna e para comprar comida para a viagem ao norte; ou talvez para pagar por algumas noites numa estalagem. Mas era só. Vi os olhos de Jamie percorrerem o salão, avaliando as possibilidades de conseguir um pouco de dinheiro jogando.

Soldados e marinheiros eram os melhores para fazer apostas, mas havia menos deles no bar. Provavelmente, a maioria da guarnição ainda vasculhava a cidade atrás do fugitivo. Em um canto, um pequeno grupo de homens estava animado bebendo muitas canecas de vinho com conhaque; dois deles estavam cantando, ou tentando, e as tentativas faziam os companheiros gargalharem. Jamie fez um meneio de cabeça quase imperceptível a eles e virou-se para Fergus.

– O que você fez com Gavin enquanto isso? – perguntou Jamie.

Fergus ergueu um ombro.

– Eu o coloquei na carroça. Troquei as roupas que ele estava vestindo por uma mortalha com uma mulher maltrapilha, e ela concordou em lavar o corpo como parte do acordo. – Ele sorriu discretamente para Jamie. – Não se preocupe, milorde. Ele está apresentável. Por enquanto – acrescentou, levando uma caneca de cerveja gelada aos lábios.

– Pobre Gavin. – Duncan Innes ergueu a própria caneca em saudação ao companheiro morto.

– *Slàinte* – respondeu Jamie, e ergueu a própria caneca em resposta. Voltou a pou-sá-la e suspirou. – Ele não gostaria de ser enterrado na mata.

– Por que não? – perguntei, curiosa. – Acho que para ele tanto faz.

– Ah, não, não podemos fazer isso, sra. Claire. – Duncan balançava a cabeça de modo enfático. Em geral, Duncan era um homem muito reservado, e eu me surpreendi ao ver tamanho sentimento.

– Ele tinha medo do escuro – disse Jamie delicadamente. Eu me virei para olhar para ele, e Jamie sorriu para mim com o canto da boca. – Vivi com Gavin Hayes quase o mesmo tempo que tenho vivido com você, Sassenach, e em locais muito menores. Eu o conhecia bem.

– Certo, ele tinha medo de ficar sozinho no escuro – disse Duncan. – Ele tinha um medo mortal de *tannagach*, de espírito, não?

Seu rosto triste e pesaroso mostrou uma expressão retraída, e eu sabia que ele estava se lembrando da cela da prisão que ele e Jamie tinham dividido com Gavin Hayes

e outros quarenta homens durante três longos anos. – Você se lembra, *Mac Dubh*, que ele nos contou, certa noite, do *tannasq* que ele encontrou?

– Sim, Duncan, e gostaria de não me lembrar. – Jamie estremeceu apesar do calor.

– Depois que ele nos contou aquilo, passei metade da noite acordado.

– O que foi, tio? – Ian estava inclinado sobre seu copo de cerveja, com os olhos arregalados. O rosto estava vermelho, a gola da blusa encharcada de suor.

Jamie passou a mão pelos lábios, pensando.

– Ah! Bem, era um dia no fim do outono frio das Terras Altas, quando a estação muda e o vento indica que o chão será coberto por uma camada de gelo na madrugada

– disse ele. Jamie se endireitou na cadeira e se recostou, com o copo de cerveja na mão. Ele sorriu ironicamente, levando a mão ao pescoço. – Não como está agora, sim?

Jamie fez uma pausa e continuou:

– Bem, o filho de Gavin trouxe de volta as vacas naquela noite, mas faltava um animal. O rapaz subira e descera os montes, mas não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum. Então Gavin fez o rapaz ordenhar as outras duas e partiu para procurar a vaca perdida.

Jamie rolou o copo lentamente entre as mãos, olhando para a cerveja escura como se visse nela os montes escoceses negros como a noite e a névoa que cobre os vales no outono.

– Gavin percorreu certa distância, e a cabana atrás dele desapareceu. Quando olhou para trás, não conseguia mais ver a luz da janela e não havia som nenhum, exceto o sopro do vento. Estava frio, mas ele continuou, passando pela lama e pela urze, ouvindo o quebrar dos galhos sob suas botas. Viu um pequeno arvoredor pela névoa e, pensando que a vaca poderia ter se abrigado embaixo das árvores, seguiu em direção a elas. Disse que as árvores eram bétulas sem folhas, mas com os galhos unidos de modo que ele tinha que abaixar a cabeça para passar entre eles. Gavin foi ao arvoredor e viu que não se tratava de um arvoredor, e sim de um círculo de árvores. Eram grandes e altas, espaçadas igualmente ao redor dele, e as menores, árvores novas, cresciam no meio criando uma parede de galhos. E no centro do círculo, havia um dólmen.

Por mais quente que estivesse na taverna, eu senti que uma pedra de gelo descia pela minha espinha. Eu já vira dólmenes antigos nas Terras Altas e os considerava bem assustadores à luz do dia.

Jamie tomou um gole da cerveja e secou o suor que escorria de sua têmpora.

– Gavin se sentiu um idiota porque ele conhecia o lugar. Todo mundo conhecia e se mantinha afastado dele. Era um local estranho. E parecia ainda pior no escuro e no frio do que à luz do dia. Era um dólmen antigo, feito com pedaços de rocha, todo empilhado e cercado de pedras, e Gavin viu diante dele a abertura escura do túmulo. Ele sabia que era um lugar aonde nenhum homem deveria ir, e ele não tinha um talismã poderoso. Gavin não tinha nada além de uma cruz de madeira no pescoço. Então ele se benzeu com ela e se virou para partir.

Jamie parou para beber a cerveja e então prosseguiu:

– Mas quando Gavin saiu do arvoredo – disse Jamie baixinho –, ouviu passos atrás dele.

Vi o pomo de adão de Ian subir quando ele engoliu. Mecanicamente, pegou a própria caneca, com os olhos fixos no tio.

– Ele não se virou para ver – continuou Jamie. – Em vez disso, continuou andando. E os passos o acompanharam em certo ritmo, sempre o seguindo. Gavin passou pela turfa de onde a água surge, e ela estava coberta com gelo, já que fazia tanto frio. Ele conseguia ouvir a turfa rachar sob seus pés, e atrás dele, o barulho do gelo se quebrando.

Jamie fez uma pausa e prosseguiu:

– Ele caminhou muito, pela noite fria e escura, olhando para a frente à procura da luz de sua janela, onde sua esposa havia colocado a vela. Mas a luz não apareceu, e Gavin começou a ficar com medo de ter se perdido entre a terra e os montes escuros. E, durante todo o tempo, se manteve o ritmo dos passos que ressoavam alto em seus ouvidos. Por fim, não suportou mais aquilo e, segurando o crucifixo que levava no pescoço, virou-se gritando para enfrentar o que o seguia.

– O que ele viu? – As pupilas de Ian estavam dilatadas, pesadas pela bebida e pela dúvida. Jamie olhou para o rapaz e então para Duncan, assentindo para que este des-se continuidade à história.

– Ele disse ser uma figura como um homem, mas sem corpo – disse Duncan em voz baixa. – Todo branco, como se fosse feito de névoa. Mas com grandes buracos vazios e negros onde deveriam estar os olhos, feitos para arrancar a alma de seu corpo com terror.

– Mas Gavin segurou a cruz diante do rosto dele e orou em voz alta para a Virgem Abençoada. – Jamie retomou a história, inclinando-se para a frente de propósito, a luz fraca do fogo contornando seu perfil, deixando-o dourado. – E a coisa não se aproximou, só ficou ali, olhando para ele. Então Gavin começou a andar para trás, sem ousar se virar de novo. Andou de costas, tropeçando e escorregando, temendo cada segundo, pois podia se queimar ou cair de um penhasco e quebrar o pescoço, mas com um medo ainda maior de dar as costas para a coisa fria. Ele não sabia quanto tempo havia caminhado, só que suas pernas tremiam de cansaço quando finalmente viu um raio de luz em meio à névoa. Ali estava sua casa, com a vela na janela. Gritou de alegria e se direcionou para a porta, mas a coisa fria foi mais rápida, e passou por ele, se posicionando entre Gavin e a porta.

Jamie fez outra pausa e continuou:

– A esposa de Gavin estava à espera dele, e quando o ouviu gritar, foi até a porta. Ele gritou para que ela não sáísse, mas que pelo amor de Deus pegasse um amuleto para afastar o *tannasq*. Rápida, ela pegou o vaso que estava debaixo da cama e um ramo de murta amarrado com fios vermelhos e pretos que ela fizera para benzer as vacas. Jogou a água contra o umbral e a coisa fria deu um pulo e se pendurou na soleira da porta. Gavin correu por baixo do *tannasq* e fechou a porta, permanecendo do lado de dentro nos braços da esposa até o amanhecer. Eles deixaram a vela queimar a

noite toda, e Gavin Hayes nunca mais saiu de casa depois do pôr do sol, até o dia em que foi lutar pelo príncipe Tearlach.

Até mesmo Duncan, que conhecia a história, suspirou quando Jamie parou de falar. Ian se benzeu e então olhou para todos com atenção, mas ninguém pareceu notar.

– Então, agora Gavin foi para o escuro – disse Jamie com delicadeza. – Mas não permitiremos que ele permaneça em solo não consagrado.

– Eles encontraram a vaca? – perguntou Fergus, com sua praticidade de sempre.

Jamie ergueu a sobrancelha para Duncan, que respondeu.

– Sim. Na manhã seguinte, encontraram a pobre coitada com as patas cheias de lama e pedras, brava e espumando pela boca, respirando tão forte como se fosse explodir. – Duncan olhou para mim e para Ian e então de novo para Fergus antes de acrescentar: – Gavin disse que ela parecia ter ido ao inferno e voltado.

– Jesus! – Ian tomou um grande gole de cerveja, e eu fiz a mesma coisa. No canto, a sociedade beberona tentava cantar “Capitão Trovão”, e começavam a rir todas as vezes.

Ian pousou a caneca na mesa.

– O que aconteceu com eles? – perguntou, com o rosto preocupado. – Com a esposa e o filho de Gavin?

Jamie olhou em meus olhos e levou a mão à minha coxa. Eu sabia, sem que ninguém me dissesse, o que acontecera com a família Hayes. Sem a coragem e a austeridade de Jamie, a mesma coisa provavelmente teria acontecido comigo e com a nossa filha Brianna.

– Gavin nunca soube – disse ele em voz baixa. – Ele nunca soube nada da esposa. Ela deve ter morrido de fome ou talvez tenha sido abandonada no frio para morrer. O filho lutou ao lado dele na Batalha de Culloden. Sempre que um homem que havia lutado em Culloden entrava em nossa cela, Gavin perguntava: “Por acaso viu um jovem corajoso chamado Archie Hayes, mais ou menos desta altura?” – E ele ergueu a mão automaticamente, a 1,5 metro do chão, imitando o gesto de Hayes. – “Um rapaz de uns 14 anos”, dizia ele, “que usa uma roupa verde e um pequeno broche dourado.” Mas nunca apareceu ninguém que o tivesse visto com certeza, morrendo ou fugindo em segurança.

Jamie tomou um gole da cerveja, com os olhos fixos em dois oficiais britânicos que tinham entrado e se ajeitado em um canto. Escurecera lá fora, e era evidente que eles não estavam mais trabalhando. Os casacos de couro estavam abertos devido ao calor, e eles levavam apenas armas no cinto, brilhando sob os casacos. Elas eram quase pretas à luz fraca, exceto onde a luz da fogueira as deixava vermelhas.

– Às vezes, ele esperava que o rapaz tivesse sido capturado e deportado – disse Jamie. – Assim como o irmão.

– Certamente isso estaria registrado em algum lugar, não? – perguntei. – Eles mantinham, ou melhor, mantêm listas?

– Mantinham – disse Jamie, ainda observando os soldados. Ele esboçou um sorriso fraco e amargo. – Foi uma lista assim que me salvou, depois da Batalha de Cullo-

den, quando perguntaram meu nome antes de atirar em mim, para adicioná-lo a seu rol. Mas um homem como Gavin não teria como ver as listas inglesas de mortes. E se pudesse ter descoberto, acho que não o faria. – Ele olhou para mim. – Você escolheria ter certeza se fosse seu filho?

Balancei a cabeça, e ele deu um sorriso fraco e apertou minha mão. Nossa filha estava segura, afinal. Ele pegou a caneca e a esvaziou, e então fez um gesto para a atendente.

A moça trouxe a comida, mantendo-se afastada da mesa para evitar Rollo. O animal permanecia imóvel embaixo da mesa, com a cabeça para fora e a grande cauda peluda pesando sobre meus pés. Mas seus olhos amarelos estavam arregalados, observando tudo. Eles acompanharam a garota com atenção, e ela recuou nervosa, de olho nele até se afastar o suficiente para se sentir segura.

Ao ver isso, Jamie lançou um olhar dúbio ao animal chamado de cachorro.

– Ele está com fome? Devo pedir um peixe para ele?

– Ah, não, tio – disse Ian. – Rollo pega seus peixes.

Jamie ergueu as sobrancelhas, mas só assentiu, e com um olhar cauteloso lançado a Rollo, pegou um prato de ostras assadas da bandeja.

– Ah, que pena! – Duncan Innes já estava bem embriagado. Sentou-se encolhido contra a parede, o ombro sem braço subindo mais do que o outro, dando a ele uma aparência corcunda e estranha. – Um homem como Gavin ter esse fim! – Ele balançou a cabeça de modo lúgubre, de um lado para o outro por cima da caneca de cerveja como o badalo de um sino fúnebre.

– Não havia familiares para chorar por ele, sozinho em uma terra selvagem, enforcado como um criminoso e prestes a ser enterrado em uma cova não benzida. Nem mesmo um lamento cantado em seu nome!

Ele pegou a caneca e, com certa dificuldade, levou-a à boca. Deu um grande gole e a pôs com um baque abafado.

– Bem, vamos fazer uma *caithris*! – Ele olhou de modo agressivo de Jamie para Fergus e depois para Ian. – Por que não?

Jamie não estava bêbado, mas também não estava totalmente sóbrio. Sorriu para Duncan e ergueu a própria caneca num brinde.

– Por que não, realmente? – perguntou ele. – Mas você terá que cantar, Duncan. Nenhum dos outros conhecia Gavin e eu não sou cantor. Mas posso gritar com você.

Duncan assentiu, olhando para nós com os olhos vermelhos. Sem que esperássemos, ele jogou a cabeça para trás e emitiu um uivo horrível. Eu me sobressaltei e derramei metade da cerveja da caneca no colo. Ian e Fergus, que evidentemente já tinham ouvido lamentos em gaélico antes, nem pestanejaram.

Em todo o salão, bancos foram empurrados para trás, os homens se levantaram assustados, levando a mão à pistola. A atendente se inclinou no balcão com os olhos arregalados. Rollo acordou com um explosivo “Au!” e olhou ao redor muito bravo, mostrando os dentes.

– *Tha sinn cruinn a chaoidh ar caraid, Gabhainn Hayes!* – gritou Duncan, num barítono cansado.

Eu sabia gaélico suficiente para traduzir isso como: “Estamos reunidos para chorar e gritar aos céus pela perda de nosso amigo, Gavin Hayes!”

– *Èisd ris!* – disse Jamie.

– *Rugadh e do Sheumas Immanuel Hayes agus Louisa N’ic a Liallainn an am baile Chill-Mhartainn, ann an sgìre Dhun Domhnuill, anns a bhliadhnaseachd ceud deug agus a haon!* – Ele era filho de Seaumais Emmanuel Hayes e de Louisa McLellan, no vilarejo de Kilmartin na paróquia de Dodanil, no ano de nosso Senhor, 1701!

– *Èisd ris!* – Dessa vez, Fergus e Ian se uniram ao refrão, que eu traduzi livremente como: “Ouçam-no!”

Rollo parecia não se importar nem com o verso nem com o refrão. Suas orelhas estavam abaixadas contra a cabeça, e os olhos amarelos, estreitados. Ian acariciou a cabeça dele para acalmá-lo, e Rollo se deitou de novo, ganindo baixinho como os lobos fazem.

A plateia, ao ver que não havia violência envolvida e, sem dúvida, entediada com os esforços vocais fracos da sociedade beberrona no canto, sentou-se para aproveitar o show. Quando Duncan começou a dizer vários nomes dos carneiros que Gavin Hayes possuía antes de sair de seu sítio para seguir seu proprietário de terras a Cul-loden, muitas pessoas das mesas ao redor começaram a repetir o refrão animadamente, gritando “*Èisd ris!*” e batendo as canecas na mesa, sem entenderem nada do que estava sendo dito, o que também era uma coisa boa.

Duncan, mais bêbado do que nunca, olhou para os soldados da mesa ao lado com pesar, e o suor escorria de seu rosto.

– *A Shasunnaich na galladh, ’s olc a thig e dhuibh fanaid air bàs gasgaich. Gun toireadh an diabhl fhein leis anns a bhàs sibh, dìreach do Fhirinn!* – Malditos cães ingleses, comedores de carne morta! Vocês riem e se alegram com a morte de um homem cortês! Que o diabo pegue vocês na hora de sua morte e os leve direto ao inferno!

Ian empalideceu um pouco ao ouvir isso e Jamie lançou a Duncan um olhar significativo, mas eles gritaram potentemente: “*Èisd ris!*”, com o restante das pessoas.

Fergus, inspirado, levantou-se e passou o chapéu pelas pessoas, que, afetadas pela cerveja e pela animação, jogaram cobres dentro dele pelo privilégio de participarem da própria acusação.

Eu conseguia beber tanto quanto a maioria dos homens, mas não prendia o xixi tão bem. Com a cabeça meio zonha pelo barulho, pela fumaça e pelo álcool, eu me levantei e saí de trás da mesa, em meio às pessoas, chegando ao ar fresco do início da noite.

Ainda estava com calor e me sentia sufocada, apesar de o sol ter se posto fazia muito tempo. Mas ainda assim, havia muito mais ar do lado de fora e bem menos pessoas para dividi-lo.

Depois de aliviar a pressão interna, eu me sentei no bloco de cortar lenha da ta-

verna com minha caneca, respirando profundamente. A noite estava clara, com uma meia-lua espalhando o tom prateado à beira do porto. Nossa carroça estava próxima; eu só discernia seu contorno à luz das janelas da taverna. Presumi que o corpo decentemente amortalhado de Gavin Hayes estivesse ali dentro. Acreditei que ele tivesse aproveitado sua *caithris*, ou vigília.

Do lado de dentro, o canto de Duncan havia terminado. Uma voz clara de tenor, meio mole pela bebida, mas meiga mesmo assim, cantava uma canção familiar, que se destacava acima do barulho das conversas.

*A Anacreonte no céu, onde ele encontrou alegria plena,
Alguns filhos da harmonia enviaram um pedido,
Que ele fosse seu inspirador e patrono!
Quando essa resposta chegou do velho e alegre grego:
'Voz, violino e flauta
que não fiquem mais calados!
Emprestarei meu nome e inspirarei vocês.'*

A voz do cantor desafinou dolorosamente em “voz, violino e flauta”, mas ele seguiu cantando, apesar do riso da plateia. Sorri com ironia para mim mesma quando ele chegou ao verso final:

*'E, além disso, instruirei vocês a misturar como eu,
a murta de Vênus com o vinho de Baco!'*

Ergui minha caneca num brinde ao caixão com rodas, ecoando levemente a melodia das últimas frases do cantor.

*Ah, diga, aquela bandeira de estrelas ainda se balança
sobre a terra dos livres e o lar dos bravos?*

Terminei de beber e fiquei parada, esperando os homens saírem.

2

QUANDO ENCONTRAMOS UM FANTASMA

– Dez, onze, doze... e dois, e seis... uma libra, oito xelins, seis pence, meio pence! – Fergus derrubou a última moeda de modo cerimonioso dentro do saco de tecido, puxou os cordões e o entregou a Jamie. – E três botões – acrescentou –, mas preciso ficar com eles – e deu um tapinha na lateral do casaco.

– Você combinou a nossa refeição com o senhorio? – perguntou-me Jamie, pesando o saco.

– Sim – garanti a ele. – Tenho 4 xelins e 6 pence, além do que Fergus pegou.

Fergus sorriu modestamente, com os dentes brancos e quadrados brilhando sob a luz fraca da janela da taverna.

– Então, temos dinheiro necessário para o enterro – concluiu Fergus. – Vamos levar monsieur Hayes ao padre agora ou esperamos até amanhã cedo?

Jamie franziu o cenho para a carroça, em silêncio à beira do quintal da hospedaria.

– Não acredito que o padre esteja acordado a esta hora – disse ele, olhando para a lua crescente. – Ainda assim...

– Eu só não o levaria conosco – falei. – Sem querer ser grosseira – acrescentei de modo a me desculpar –, mas se vamos dormir na mata, o... bem, o cheiro... – Não estava forte, mas longe da fumaça da taverna, um odor distinto pairava ao redor da carroça. A morte não fora tranquila e o dia tinha sido *quente*.

– Tia Claire está certa – disse Ian, passando os nós dos dedos embaixo do nariz, discretamente. – Não queremos atrair animais selvagens.

– Mas não podemos deixar Gavin aqui! – protestou Duncan, escandalizado com a ideia. – Deixá-lo na frente da hospedaria nessa mortalha, como um rejeitado envolvido em faixas? – Ele oscilou de forma alarmante, pois o álcool afetava seu equilíbrio sempre ruim.

Vi Jamie esboçar um sorriso com a boca larga, a lua branca refletindo sobre seu nariz afilado.

– Não – afirmou ele. – Não vamos deixá-lo aqui. – Jamie passou o saco de mão em mão com um som fraco e metálico, e então, decidindo-se, enfiou-o no casaco. – Nós mesmos vamos enterrá-lo – disse. – Fergus, pode ir ao estábulo para ver se conseguimos comprar uma pá bem barata?

O curto trajeto até a igreja pelas ruas calmas de Charleston foi, de certo modo, menos digno do que o cortejo fúnebre normal, já que tinha sido marcado pela insistência de Duncan de repetir as partes mais interessantes de seu lamento como um cântico de procissão.

Jamie conduzia devagar, gritando incentivos aos cavalos de vez em quando. Duncan caminhava atrás do grupo, cantando com a voz rouca e segurando um animal pelo cabresto enquanto Ian segurava o outro para impedir batidas. Fergus e eu seguíamos atrás com respeito, e Fergus segurava a pá recém-comprada diagonalmente em frente ao corpo, murmurando previsões assustadoras em relação à possibilidade de todos nós passarmos a noite na prisão por perturbarmos a paz de Charleston.

A igreja ficava afastada em uma rua calma, a certa distância da casa mais próxima. Isso era bom para evitar chamar atenção, mas significava que o pátio da igreja era assustadoramente escuro, sem luz de tocha nem de vela para quebrar a escuridão.

Grandes magnólias cobriam o portão, com folhas coriáceas soltando-se no calor, e os pinheiros ao redor, que serviam para oferecer sombra e alívio durante o dia, à noite serviam para bloquear todos os indícios da lua e da luz das estrelas, deixando o pátio em si escuro como... bem, como uma cripta.

Caminhar pela névoa era como afastar cortinas de veludo pretas, perfumadas com incenso de terebintina dos pinheiros esquentados pelo sol; camadas infundáveis de afagos macios e pungentes. Nada era mais distante da pureza das Terras Altas do que a atmosfera sufocante do sul. Ainda assim, partes claras de névoa pairavam sob os muros de tijolos escuros, e eu queria não me lembrar com tanta clareza da história de Jamie sobre o *tannasq*.

– Vamos encontrar um lugar. Fique e segure os cavalos, Duncan. – Jamie saiu do assento da carroça e segurou meu braço.

– Talvez encontremos um bom lugar perto do muro – disse ele, guiando-me em direção ao portão. – Ian e eu vamos cavar enquanto você segura a luz, e Fergus pode ficar de guarda.

– Mas e Duncan? – perguntei, olhando para trás. – Ele vai ficar bem? – O escocês estava fora do nosso campo de visão, pois seu corpo alto e esguio se misturara com o grupo maior de cavalos e com a carroça, mas ainda era possível ouvi-lo.

– Ele vai ser o principal pranteador – disse Jamie com a voz levemente animada. – Cuidado com a cabeça, Sassenach. – Eu me abaixei de forma automática sob um galho baixo de magnólia; não sabia se Jamie conseguia enxergar na escuridão ou se só sentia as coisas por instinto, mas eu nunca o vi tropeçar, por mais escuro que fosse o ambiente.

– Você não acha que alguém vai perceber uma cova recente? – Não estava totalmente escuro no pátio da igreja, afinal. Ao sairmos de debaixo das magnólias, consegui ver as formas claras dos túmulos, parecendo abstratas, mas sinistras no escuro, uma névoa fraca subindo da grama densa aos pés deles.

As solas dos meus pés formigaram quando passamos pelas pedras. Senti ondas silenciosas de repreensão vindas do solo diante da intrusão inadequada. Bati a canela em um túmulo e mordi o lábio, contendo o ímpeto de me desculpar com seu dono.

– Imagino que sim. – Jamie soltou meu braço para enfiar a mão no casaco. – Mas se o padre queria dinheiro para enterrar Gavin, acho que ele não pensaria em desenterrá-lo por nada, certo?

O jovem Ian se materializou na escuridão ao meu lado e me assustou.

– Há um espaço aberto perto do muro ao norte, tio Jamie – susurrou ele, apesar do fato óbvio de que não havia ninguém por perto para ouvir. Fez uma pausa e se aproximou de mim. – Está muito escuro aqui, não?

O garoto parecia nervoso. Bebera quase tanto quanto Jamie ou Fergus, mas apesar de o álcool ter dado aos homens mais velhos um humor irônico, claramente teve um efeito mais deprimente no ânimo de Ian.

– Está, sim. Tenho um toco de vela que peguei da taverna. Espere um pouco – falei.

Leves roçares indicavam que Jamie procurava a pederneira e o isqueiro.

A escuridão do local fez com que eu me sentisse deslocada, como um fantasma. Olhei para cima e vi as estrelas, tão debilmente visíveis pelo ar denso que não iluminavam o chão, só davam uma sensação de distância imensa e afastamento infinito.

– É como a vigília de Páscoa. – A voz de Jamie saiu baixinha, acompanhada dos leves sons de arranhões na pederneira. – Vi o serviço uma vez, na Notre Dame, em Paris. Cuidado, Ian, tem uma pedra bem ali.

Um baque e um resmungo abafado indicavam que Ian descobrira a pedra tarde demais.

– A igreja estava toda escura – continuou Jamie –, mas as pessoas que vinham à missa compravam velas das mulheres nas portas. Era algo assim. – Eu senti mais do que vi o movimento que ele fez em direção ao céu. – Um grande espaço acima, tomado pelo silêncio, e pessoas reunidas em todos os lados.

Por mais quente que estivesse, eu estremeci involuntariamente com as palavras dele, que criavam uma imagem dos mortos ao nosso redor, reunidos em silêncio um ao lado do outro, esperando uma ressurreição iminente.

– E então, quando pensei que não conseguiria mais aguentar o silêncio e a multidão, veio a voz do padre da porta. “*Lumen Christi!*”, gritou ele, e os acólitos acenderam a grande vela que ele carregava. E dela, eles passaram a chama para suas próprias velas e percorreram os corredores repassando o fogo para as velas dos fiéis.

Eu podia ver suas mãos, iluminadas fracamente pelas pequenas faíscas de sua pederneira.

– Então, a igreja ganhou vida com mil pequenas chamas, mas foi aquela primeira vela que rompeu a escuridão.

Os sons pararam, e Jamie afastou a mão em concha que protegia a chama recém-nascida. A chama se endireitou e iluminou o rosto dele por baixo, clareando as maçãs do rosto e a testa, e criando sombra nas órbitas fundas de seus olhos.

Ele ergueu a vela, observando as lápides dos túmulos, assustadoras como um círculo de pedras em pé.

– *Lumen Christi* – sussurrou ele, inclinando a cabeça na direção de um pilar de granito sobre o qual havia uma cruz, “*et requiescat in pace, amice*”. O tom meio brincalhão havia deixado sua voz; ele falava com seriedade total, e eu me senti estranhamente reconfortada, como se uma presença atenta tivesse se retirado.

Jamie sorriu para mim nessa hora, e me deu a vela.

– Veja se consegue encontrar um pedaço de madeira para usar como tocha, Sassenach – disse ele. – Ian e eu nos revezaremos cavando.

Eu não estava mais nervosa, mas me sentia como uma ladra de túmulos, sob um pinheiro com a minha tocha, observando o jovem Ian e Jamie se revezando para aprofundar o buraco, as costas nuas brilhando suadas sob a luz da tocha.

– Estudantes de medicina costumavam pagar a homens para roubar corpos frescos dos pátios da igreja – falei, entregando meu lenço sujo a Jamie enquanto ele saía do buraco, gemendo pelo esforço. – Era a única maneira que tinham de praticar a dissecação.

– Eles faziam isso? – perguntou Jamie. Ele secou o suor do rosto e me lançou um olhar rápido e irônico. – Ou ainda fazem?

Felizmente, apesar da luz da tocha, estava escuro demais para Ian notar meu rosto corado. Não era o primeiro deslize que eu dava e provavelmente não seria o último, mas inadvertências desse tipo costumavam resultar em nada além de um olhar confuso, quando eram notadas. A verdade simplesmente não era uma possibilidade que ocorria a alguém.

– Imagino que façam agora – admiti.

Estremeci levemente pensando em ver um corpo recém-exumado e não preservado, ainda sujo com a terra da cova aberta. Cadáveres embalsamados e dispostos em uma superfície de aço inoxidável também não eram muito agradáveis, mas a formalidade da apresentação deles servia para manter a realidade devastadora da morte a certa distância.

Soltei o ar pelo nariz com intensidade, tentando me livrar dos odores, imaginários e lembrados. Quando inspirei, minhas narinas foram tomadas pelo cheiro de terra úmida e de resina da minha tocha de pinheiro, e também pela presença mais fraca e fria dos pinheiros vivos acima da minha cabeça.

– Eles pegam mendigos e criminosos das prisões também.

O jovem Ian, que evidentemente ouvira a conversa, se não a compreendeu, aproveitou a oportunidade de parar por um momento, secando a testa enquanto se apoiava na pá.

– Meu pai me contou sobre uma vez em que foi preso, quando o levaram a Edimburgo e o mantiveram na Tolbooth. Ele ficou numa cela com outros três homens, e um deles tossia de modo horroroso, sem deixar os outros dormirem durante o dia e durante a noite. Então, numa noite, a tosse parou e eles souberam que o homem tinha morrido. Mas meu pai disse que estavam tão cansados que não conseguiram rezar nada além de um pai-nosso, e depois dormiram.

O rapaz parou e esfregou o nariz que coçava.

– Meu pai disse que ele acordou de repente com alguém segurando suas pernas e outra pessoa segurando seus braços, levantando-o. Ele se debateu e gritou, e o homem que o segurava pelos braços berrou e o largou, e meu pai caiu, batendo a cabeça nas pedras. Sentou-se esfregando a cabeça e viu um médico do hospital e dois colegas que ele trouxera para levar o cadáver embora para a sala de dissecação.

Ian abriu um sorriso ao se lembrar, afastando os cabelos molhados de suor do rosto.

– O pai disse não saber quem ficou mais aterrorizado, se foi ele ou se foram os homens que tinham pegado o corpo errado. Falou que o médico parecia aborrecido,

porque meu pai seria uma espécie muito mais interessante para estudo, com a perna amputada e tudo o mais.

Jamie riu, esticando os braços para aliviar os ombros. Com o rosto e o torso sujos de terra vermelha e os cabelos presos para trás com um lenço ao redor da testa, ele parecia tão mal-encarado quanto qualquer ladrão de túmulos.

– Eu gosto dessa história – disse Jamie. – Ian chegou a falar depois que, como todos os médicos eram carneiros, ele não queria nem saber deles.

Ele sorriu para mim; eu já fora médica, cirurgiã, na minha época, mas aqui, eu não passava de uma curandeira, habilidosa no uso de ervas.

– Felizmente, não tenho medo de carneirinhas – disse ele, e se inclinou para me beijar.

Seus lábios estavam quentes, com gosto de cerveja. Gotas de suor estavam presas nos pelos enrolados de seu peito, e seus mamilos eram pontos escuros na luz clara. Um tremor que não tinha nada a ver com o frio nem com a estranheza do local que nos cercava percorreu minha espinha. Jamie notou e seus olhos encontraram os meus. Ele deu um longo suspiro e, de imediato, eu percebi como meu corpete era justo, e o peso de meus seios no tecido encharcado de suor. Jamie se remexeu levemente, puxando o tecido do calção.

– Maldição – disse ele com delicadeza.

Então olhou para baixo e se virou, esboçando um leve sorriso.

Eu não esperava, mas reconheci. Uma onda de desejo era uma reação comum, ainda que peculiar, à presença da morte. Os soldados a sentiam depois da batalha; assim como os curadores que lidam com sangue e esforço. Talvez Ian estivesse mais certo do que pensei a respeito da lugubridade dos médicos.

Jamie tocou minhas costas e eu me sobressaltei, espalhando faíscas da tocha acesa. Ele a pegou de mim e acenou em direção a uma lápide próxima.

– Sente-se, Sassenach – disse ele. – Você não deveria passar tanto tempo de pé. – Eu havia trincado a tibia da perna esquerda no naufrágio, e apesar de ter curado depressa, a perna ainda doía de vez em quando.

– Eu estou bem. – Ainda assim, me movi em direção à pedra, resvalando nele ao passar. Jamie irradiava calor, mas a carne nua estava fria ao toque, com o suor evaporando de sua pele. Consegui sentir seu cheiro.

Olhei para ele, e vi que a parte de seu corpo onde eu o havia tocado estava arrepiada. Engoli em seco, lutando contra uma visão repentina de nós dois rolando no escuro, em um gozo intenso e cego em meio à grama amassada e à terra.

Ele segurou meu cotovelo enquanto me ajudava a me sentar na pedra. Rollo estava deitado de lado, gotas de saliva brilhando sob a luz da tocha enquanto ele ofegava. Os olhos amarelos puxados se estreitaram ao me olhar.

– Nem pense nisso – falei, estreitando os meus olhos para ele. – Se me morder, enfiarei meu sapato tão fundo na sua garganta que você vai engasgar.

Rollo deu um latido baixo. Apoiou o focinho nas patas, mas as orelhas peludas estavam de pé, viradas para localizar o menor som que fosse.

A pá se afundava com facilidade na terra aos pés de Ian, e ele se endireitou, enxugando o suor com a palma da mão, que deixou uma sujeira preta em seu rosto. Soltou o ar e olhou para Jamie, imitando exaustão, com a língua para fora num canto da boca.

– Certo, acho que está fundo o suficiente. – Jamie respondeu ao pedido não expressado com um meneio de cabeça. – Trarei Gavin, então.

Fergus franziu o cenho inquieto, seus traços marcados à luz da tocha.

– Você não vai precisar de ajuda para carregar o cadáver? – Sua relutância foi evidente; mas, ainda assim, ele se oferecera.

Jamie lançou a ele um sorriso fraco e irônico.

– Eu vou conseguir – afirmou. – Gavin era um homem pequeno. Mas você pode levar a tocha para me acompanhar.

– Também vou, tio! – O jovem Ian saiu de qualquer jeito do buraco, os ombros magros brilhando por causa do suor. – Para o caso de você precisar de ajuda – disse ele sem fôlego.

– Está com medo de ficar no escuro? – perguntou Fergus com sarcasmo.

Imaginei que o ambiente o estivesse deixando inquieto; apesar de provocar Ian algumas vezes, a quem ele considerava um irmão mais novo, raramente era cruel com ele.

– Sim, estou – confessou ele. – Você não está?

Fergus abriu a boca com as sobrancelhas arqueadas, voltou a fechá-la e virou-se sem dizer nada em direção à abertura escura da entrada, por onde Jamie havia desaparecido.

– Não acha que este lugar é horrível, tia? – murmurou Ian nervoso atrás de mim, mantendo-se próximo enquanto passávamos pelas pedras grandes, seguindo a luz da tocha de Fergus. – Fico pensando naquela história que o tio Jamie me contou. E pensando que agora que Gavin está morto, talvez a coisa fria... quero dizer, você acha que talvez... ela virá atrás dele?

Depois da pergunta, ele engoliu em seco de modo audível, e senti um arrepio na espinha.

– Não – respondi, um pouco alto demais. Segurei o braço de Ian, menos para me equilibrar do que para sentir a solidez de seu corpo e me acalmar. – Com certeza não.

Sua pele estava pegajosa com o suor que evaporava, mas sentir a musculatura magra do braço embaixo da minha mão foi reconfortante. Sua presença meio visível me fazia lembrar vagamente de Jamie. Ele era quase tão alto quanto o tio, e quase tão forte, apesar de ainda ser magro e desengonçado por estar na adolescência.

Entramos, aliviados, no ponto iluminado pela luz lançada pela tocha de Fergus. A luz tremeluzente reluzia em meio às rodas da carroça, lançando sombras que se estendiam como teias de aranha na poeira. Estava tão quente na estrada quanto no

pátio da igreja, mas o ar parecia mais livre, mais fácil de respirar, longe das árvores sufocantes.

Para minha surpresa, Duncan ainda estava acordado, sentado no assento da carroça como uma coruja sonolenta, com os ombros encolhidos na altura das orelhas. Ele sussurrava, mas parou quando nos viu. A longa espera parecia tê-lo deixado um pouco sóbrio. Ele desceu do assento com firmeza e deu a volta por trás da carroça para ajudar Jamie.

Prendi um bocejo. Ficaria feliz de acabar com essa missão melancólica e ir descansar, ainda que a única cama à nossa espera fosse um monte de folhas.

– *Ifrinn an Diabhuil! A Dhia, thoir cobhair!*

– *Sacrée Vierge!*

Levantei a cabeça. Todo mundo estava gritando, e os cavalos, assustados, relinchavam e se remexiam em seus cabrestos, fazendo a carroça se balançar e chacoalhar como um besouro bêbado.

Rollo latiu ao meu lado.

– Jesus! – disse Ian, olhando para a carroça. – Jesus Cristo!

Eu me virei na direção para onde ele olhava e gritei. Uma pessoa pálida estava na parte da carga da carroça, balançando com o chacoalhar. Eu não tive tempo de ver mais nada antes de o inferno começar.

Rollo apoiou-se nas patas de trás e se ergueu no escuro com um rosnado, acompanhado pelos gritos de Jamie e Ian, e um grito terrível do fantasma. Atrás de mim, ouvi o som de palavras em francês quando Fergus voltou correndo para o pátio da igreja, tropeçando e batendo nas lápides no escuro.

Ele largara a tocha. Ela brilhou e assoviou na estrada de terra, ameaçando se apagar. Eu me ajoelhei e a peguei, soprando-a, desesperada para mantê-la acesa.

O coro de gritos e resmungos aumentou, e eu me levantei, com a tocha na mão, e encontrei Ian lutando com Rollo, tentando mantê-lo afastado das pessoas brigando em uma nuvem de poeira.

– *Arrêtes espèce de cochon!*

Fergus saiu galopando do escuro, empunhando a pá que tinha ido buscar. Ao acreditar que sua ordem fora ignorada, ele deu um passo à frente e bateu a pá, com uma das mãos, na cabeça do invasor com um baque seco. Então, virou-se na direção de Ian e Rollo.

– Você também deve ficar quieto – disse Fergus ao cão, ameaçando-o com a pá. – Cale-se agora mesmo, sua fera estúpida, ou acabarei com você!

Rollo rosnou, mostrando os dentes impressionantes que eu interpretei que queriam dizer “Você e mais quem?”, mas foi afastado da confusão por Ian, que passou o braço pelo pescoço do cão e impediu mais comentários.

– De onde *ele* veio? – perguntou Ian, surpreso. Virou o pescoço, tentando olhar para o corpo caído sem soltar Rollo.

– Do inferno – disse Fergus. – E eu o convido a voltar para lá de uma vez.

Ele tremia de choque e cansaço; a luz brilhou fraca do seu gancho enquanto ele afastava uma mecha densa de cabelos negros dos olhos.

– Não do inferno; das forcas. Você não o conhece?

Jamie se levantou devagar, batendo a poeira do calção. Respirava ofegante e estava sujo de terra, mas parecia ileso. Pegou o lenço caído e olhou ao redor, limpando o rosto.

– Onde está Duncan?

– Aqui, *Mac Dubh* – disse uma voz rouca na frente da carroça. – Os animais não estavam gostando muito de Gavin, para começo de conversa, e eles estavam certos em pensar que ele era um ressuscitado. Não – acrescentou ele –, mas eu também me assustei um pouco. – Ele olhou para o corpo no chão com desprazer e deu um tapinha no pescoço de um cavalo nervoso. – Ah, não passa de um tolo à toa, *luaidh*, pare com o barulho, sim?

Eu dei a tocha a Ian e me ajoelhei para observar os danos ao nosso visitante. Parecia ser pouco; o homem já estava agitado. Jamie tinha razão; era o homem que escapara do enforcamento mais cedo naquele dia. Era jovem, cerca de 30 anos, musculoso e forte, os cabelos claros estavam molhados de suor e duros de sujeira. Recendia à prisão e ao cheiro almiscarado do medo prolongado. Não era à toa.

Passei uma mão por baixo do braço dele e o ajudei a se sentar. Ele resmungou e levou a mão à cabeça, estreitando os olhos sob a luz da tocha.

– Você está bem? – perguntei.

– Agradeço pela gentileza, senhora. Eu ficarei melhor. – Ele tinha um leve sotaque irlandês e a voz era suave e profunda.

Rollo, com o lábio superior erguido o suficiente para mostrar os dentes ameaçadores, enfiou o focinho na axila do visitante e então jogou a cabeça para trás e espirrou com força. Um leve tremor de riso percorreu o círculo, e a tensão diminuiu por um momento.

– Há quanto tempo você está na carroça? – perguntou Duncan.

– Desde o meio da tarde – O homem se ajoelhou de modo desajeitado, balançando um pouco pelos efeitos do golpe. Tocou a cabeça de novo e fez uma careta. – Ai, Jesus! Eu entrei aqui logo depois de o francês colocar o pobre e velho Gavin.

– Onde estava antes disso? – perguntou Ian.

– Escondido embaixo da forca. Foi o único lugar onde pensei que eles não procurariam.

O homem se levantou com esforço, fechou os olhos para se equilibrar e então os abriu. Sob a luz da tocha, eles eram verde-claros, a cor dos mares rasos. Eu os vi passar de um rosto a outro e pararem em Jamie. O homem fez uma reverência, tomando cuidado com a cabeça.

– Stephen Bonnet. A seu dispor, senhor. – Ele não se moveu para estender a mão em cumprimento, nem Jamie.

– Sr. Bonnet. – Jamie assentiu em resposta, com o rosto cuidadosamente inexpressivo.

Eu não sabia como Jamie poderia parecer autoritário, usando nada além de calças úmidas e sujas de terra, mas ele conseguiu. Examinou o visitante, observando cada detalhe de sua aparência.

Bonnet era o que as pessoas do campo chamavam de “bem-apessoado”, com corpo alto e forte e um peito amplo. Seus traços eram pesados, mas rusticamente belos. Alguns centímetros mais baixo do que Jamie, ele se movimentava com tranquilidade, equilibrado nos calcanhares, os punhos semicerrados, preparados.

Estava acostumado a brigas, a julgar pelo nariz levemente torto e uma pequena cicatriz no canto da boca. As pequenas imperfeições não conseguiam prejudicar a impressão geral do magnetismo animal. Ele era o tipo de homem que atraía as mulheres com facilidade. Algumas mulheres, corrigi, quando ele lançou um olhar especulativo para mim.

– Por qual crime foi condenado, sr. Bonnet? – perguntou Jamie.

Ele estava tranquilo, mas com um olhar atento que me fazia lembrar do próprio Bonnet. Era a pose de orelhas para trás com que os cães machos se olham antes de decidir se vão brigar ou não.

– Contrabando – disse Bonnet.

Jamie não respondeu, mas inclinou a cabeça levemente. Ergueu uma sobrancelha de modo questionador.

– E pirataria. – Um músculo se contraiu perto de sua boca; um leve esboço de sorriso ou um tremor involuntário de medo?

– E matou alguém durante seus crimes, sr. Bonnet? – O rosto de Jamie estava inexpressivo, exceto por seus olhos atentos. *Pense duas vezes*, seus olhos diziam claramente. *Ou talvez três*.

– Ninguém que não tenha tentado me matar antes – respondeu Bonnet. As palavras saíam com facilidade, o tom era quase petulante, mas ele se contradisse ao cerrar o punho com força ao lado do corpo.

Percebi que Bonnet deveria estar se sentindo diante de juiz e júri, como certamente já acontecera. Ele não tinha como saber que estávamos quase tão relutantes em nos aproximar dos soldados da guarnição quanto ele.

Jamie olhou para Bonnet por muito tempo, inspecionando-o com atenção à luz tremeluzente da tocha, então assentiu e deu um passo para trás.

– Vá, então – disse ele baixinho. – Não vamos impedi-lo.

Bonnet respirou fundo. Percebi seu corpo grande relaxar, os ombros curvados embaixo da camisa de linho.

– Obrigado – disse ele. – Passou a mão pelo rosto e respirou fundo de novo. Os olhos verdes passaram de mim a Fergus e a Duncan. – Mas talvez vocês possam me ajudar?

Duncan, que havia relaxado com as palavras de Jamie, rosnou em surpresa.

– Ajudar? Um ladrão?

Bonnet virou a cabeça na direção de Duncan. O grillão de ferro era uma linha escura em seu pescoço, dando a impressão assustadora de que sua cabeça decepada ficava vários centímetros acima dos ombros.

– Ajudem-me – repetiu. – Haverá soldados nas estradas esta noite para me caçar. – Ele fez um gesto em direção à carroça. – Vocês poderiam me ajudar a passar em segurança por eles... se quiserem. – Voltou-se para Jamie e endireitou as costas, os ombros retesados. – Estou implorando por ajuda, senhor, em nome de Gavin Hayes, que era meu amigo também, e do ladrão que sou.

Os homens o estudaram em silêncio por um momento. Fergus lançou um olhar duvidoso para Jamie; a decisão era dele.

Mas Jamie, depois de um longo olhar pensativo para Bonnet, virou-se para Duncan.

– O que diz, Duncan? – Duncan olhou para Bonnet com o mesmo olhar pensativo, e assentiu, por fim.

– Por Gavin – disse ele, e virou-se em direção à entrada.

– Certo, então – disse Jamie.

Ele suspirou e prendeu uma mecha solta dos cabelos atrás da orelha.

– Ajude-nos a enterrar Gavin – disse ele a nosso novo convidado –, e então iremos.

Uma hora depois, a cova de Gavin era um retângulo de terra recém-remexida, escuro entre os tons acinzentados da grama ao redor.

– Precisamos deixar o nome dele para que seja identificado – disse Jamie.

Com dificuldade, ele riscou as letras do nome de Gavin e as datas em um pedaço de pedra lisa da praia, usando a ponta da faca. Esfreguei cinza da tocha nas letras entalhadas, criando uma mancha grosseira, mas legível, e Ian a colocou com firmeza em um pequeno dólmen de pedregulhos reunidos. Em cima do minúsculo monumento, Jamie cuidadosamente colocou o toco de vela que pegara da taverna.

Todos ficaram parados meio desajeitados diante do túmulo por um momento, sem saber como se despedir. Jamie e Duncan se aproximaram juntos, olhando para baixo. Eles já deviam ter se despedido de muitos amigos desde a Batalha de Culloden, mas geralmente com menos cerimônia.

Por fim, Jamie assentiu a Fergus, que pegou um galho de pinheiro seco e, acendendo-o com uma tocha, inclinou-se e o encostou no pavio da vela.

– *Requiem aeternam dona ei, et lux perpetua luceat ei...* – sussurrou Jamie.

– Que ele tenha descanso eterno, ó Deus, e que a luz perpétua brilhe sobre ele. – O jovem Ian repetiu baixinho, com o rosto sério à luz da tocha.

Sem dizer uma palavra, nós nos viramos e saímos do pátio da igreja. Atrás de nós, a vela brilhava sem tremelicar na atmosfera pesada, como uma vela votiva em uma igreja vazia.

...

A lua estava alta no céu quando chegamos ao posto militar perto dos muros da cidade. Era só uma meia-lua, mas lançava luz suficiente para vermos a trilha de terra do caminho de carroças que se estendia à nossa frente, amplo o bastante para duas carroças viajarem lado a lado.

Tínhamos encontrado vários pontos assim na estrada entre Savannah e Charleston, principalmente vigiados por soldados entediados que faziam gestos para que passássemos sem se darem ao trabalho de conferir as passagens que obtivemos na Geórgia. Os postos se preocupavam mais com a interceptação de produtos contrabandeados e com a prisão dos servos ou escravos fugidios de seus donos.

Mesmo imundos e malvestidos, passamos sem problemas. Poucos viajantes estavam em condições melhores. Fergus e Duncan não podiam ser escravos, mutilados como eram, e a presença de Jamie falava mais do que suas roupas. Com casaco sujo ou não, nenhum homem diria que ele era um servo.

Mas naquela noite foi diferente. Havia oito homens no posto, não os dois de sempre, e todos muito bem armados e em alerta. Canos de mosquete brilhavam à luz da lua enquanto o grito de “Pare! Diga seu nome e a que veio!” vinha do escuro. Uma lanterna estava erguida a 15 centímetros de meu rosto, cegando-me por um instante.

– James Fraser, seguindo em direção a Wilmington, com minha família e meus servos. – A voz de Jamie era calma, e suas mãos estavam firmes quando ele me deu as rédeas e pegou as passagens em seu casaco.

Mantive a cabeça baixa, tentando parecer cansada e indiferente. Estava cansada, sim – seria capaz de me deitar na estrada e dormir –, mas longe de indiferente. O que faziam com quem ajudava um fugitivo da força?, eu tentei imaginar. Uma única gota de suor desceu serpenteando atrás de meu pescoço.

– Viu alguém na estrada quando passou, senhor?

O “senhor” saiu um pouco relutante; o mau estado do casaco de Jamie e de meu vestido ficaram evidentes sob a luz amarela da lanterna.

– Uma carroça que passou por nós vinda da cidade. Imagino que o senhor tenha visto – respondeu Jamie.

O sargento respondeu com um grunhido, conferindo as passagens com cuidado, estreitando os olhos no escuro para contar e ver se o número de pessoas condizia com o número de passagens.

– Quais produtos estão levando? – Ele entregou as passagens, fazendo um gesto para que um dos subordinados procurasse na carroça. Mexi nas rédeas sem querer e os cavalos resfolegaram e balançaram a cabeça. Jamie encostou o pé no meu, mas não olhou para mim.

– Pequenos itens domésticos – respondeu ele, ainda calmo. – Meio veado e um saco de sal, mantimentos. E um corpo.

O soldado que estava olhando na parte de trás da carroça parou abruptamente. O sargento olhou para ele no mesmo instante.

– Um o quê?

Jamie pegou as rédeas de minhas mãos e as enrolou casualmente em seu punho. De soslaio, vi Duncan inclinar-se para a escuridão da mata. Fergus, com sua habilidade de ladrão, já tinha desaparecido de vista.

– O corpo do homem que foi enforcado esta tarde. Ele era meu conhecido. Pedi permissão do coronel Franklin para levá-lo a seus parentes no norte. É por isso que estamos viajando à noite – acrescentou ele com delicadeza.

– Compreendo. – O sargento fez um gesto para chamar um homem que segurava uma lanterna. Olhou para Jamie por um longo tempo, pensativo, com os olhos estreitados e assentiu. – Eu me lembro de você – disse ele. – Você o chamou no fim. É um amigo, certo?

– Eu o conhecia há alguns anos – acrescentou.

O sargento assentiu a seu subordinado sem desviar os olhos de Jamie.

– Dê uma olhada, Griswold.

Griswold, que devia ter 14 anos, demonstrou grande falta de entusiasmo com a ordem, mas obedientemente levantou a capa de lona e ergueu a lanterna para espiar a carroça. Eu me controlei para não me virar e olhar.

O cavalo mais próximo resfolegou e jogou a cabeça para trás. Se tivéssemos que sair em disparada, os cavalos demorariam muito para colocar a carroça em movimento. Ouvi Ian remexer-se atrás de mim, levando a mão ao taco de noqueira enfiado atrás de seu assento.

– Sim, senhor, é um corpo – disse Griswold. – Em uma mortalha. – Ele soltou a lona com um ar de alívio e expirou com força pelas narinas.

– Prepare a baioneta e dê um tiro nele – disse o sargento, ainda olhando para Jamie. Eu devo ter emitido algum som, porque o sargento olhou para mim.

– Vai sujar minha carroça – disse Jamie. – O homem está bem passado, depois de um dia ao sol.

O sargento resmungou com impaciência.

– Então dê um tiro na perna dele. Vamos, Griswold!

Com relutância, Griswold preparou a baioneta e, na ponta dos pés, começou a mirar no chão da carroça. Atrás de mim, Ian começara a assoviar baixinho. Uma canção gaélica cujo título era traduzido como “Na aurora, morremos”, e eu achei muito de mau gosto da parte dele.

– Não, senhor, ele está morto mesmo. – Griswold deu um passo para trás, parecendo aliviado. – Eu cutuquei com força, mas ele nem se mexeu.

– Certo, então. – Dispensando o jovem soldado com um movimento da mão, o sargento acenou com a cabeça para Jamie. – Pode seguir, sr. Fraser. Mas aconselho o senhor a escolher seus amigos com mais cautela no futuro.

Vi os nós dos dedos de Jamie brancos nas rédeas, mas ele se endireitou e ajeitou o chapéu na cabeça. Estalou a língua e os cavalos partiram, deixando nuvens de poeira clara flutuando à luz da lanterna.

A escuridão parecia sufocante depois da luz. Apesar da presença da lua, eu não conseguia ver quase nada. A noite nos envolveu. Senti o alívio de um animal caçado que encontra um esconderijo seguro e, apesar do calor opressor, respirei mais livremente.

Percorremos uma distância de quase meio quilômetro antes de alguém falar.

– Está ferido, sr. Bonnet? – perguntou Ian sussurrando alto, só para que fosse ouvido em meio ao barulho da carroça.

– Sim, ele me cutucou na coxa, o maldito garoto. – A voz de Bonnet estava lenta, mas calma. – Graças a Deus ele parou antes de o sangue escorrer pela mortalha. Homens mortos não sangram.

– Está muito ferido? Devo ir até aí para olhar? – Eu me virei. Bonnet havia afastado a capa de lona e estava sentado, uma figura muito clara na escuridão.

– Não, mas agradeço, senhora. Passei a meia ao redor da perna e ela vai me ajudar, espero.

Minha visão noturna voltava. Eu conseguia ver os cabelos claros quando ele abaixou a cabeça para concluir a tarefa.

– Acha que podemos conversar? – Jamie fez os cavalos diminuírem o ritmo para que caminhassem e se virou para ver nosso convidado. Apesar de não estar contrariado, ficou claro que preferiria se livrar de nossa carga perigosa assim que possível.

– Não, tudo bem. Sinto muito, senhor.

Bonnet também notou a vontade de Jamie de se livrar dele. Com certa dificuldade, ele se sentou na traseira da carroça, levantando o joelho da perna ilesa atrás do assento. A parte inferior de seu corpo estava invisível no escuro, mas consegui sentir o cheiro de sangue nele, um odor mais forte do que o leve fedor da mortalha de Gavin.

– Uma sugestão, sr. Fraser. Daqui a 6 quilômetros, chegaremos à estrada Ferry Trail. Dois quilômetros depois do cruzamento, outra estrada leva em direção à costa. Há algumas casas, mas é possível passar. Chegaremos à beira de um riacho com uma saída para o mar. Alguns parceiros meus chegarão ali para ancorar esta semana. Se puder me dar alguns mantimentos, poderei esperar por eles em razoável segurança, e você pode partir, livre do peso de minha companhia.

– Parceiros? Está dizendo piratas? – A voz de Ian demonstrava certa desconfiança. Por ter sido retirado da Escócia por piratas, ele não via essas pessoas com o mesmo romantismo comum a um garoto de 15 anos.

– Depende de sua perspectiva, rapaz. – Bonnet parecia estar se divertindo. – Certamente, os governadores das Carolinas diriam que eles são piratas. Mas talvez os mercadores de Wilmington e Charleston os chamem de outra coisa.

– Contrabandistas, certo? E com o que esses seus parceiros negociam, então? – resmungou Jamie.

– Qualquer coisa que tenha mercado para valer a pena o risco da entrega. – Bonnet ainda parecia estar bem-humorado, mas agora, também parecia cínico. – Deseja alguma recompensa pela ajuda? Podemos resolver isso.

– Não. – A voz de Jamie era fria. – Poupei você por Gavin Hayes e por mim. Não esperaria recompensa por esse serviço.

– Não quis ofender, senhor. – Bonnet inclinou a cabeça levemente em nossa direção.

– Não me ofendi – rebateu Jamie. Ele balançou as rédeas e as segurou de novo, mudando de mãos.

A conversa parou depois dessa pequena discussão, mas Bonnet continuou ajoelhado atrás de nós, espiando por cima de meu pescoço para a estrada escura à frente. Não havia mais soldados. Nada se moveu, não havia nem um sopro de vento para mexer as folhas. Nada perturbava o silêncio da noite de verão, exceto o ruído baixo de um pássaro noturno que passava ou o pio de uma coruja.

O bater ritmado e suave dos cascos dos cavalos na terra e o ranger e chacoalhar da carroça começaram a me dar sono. Tentei ficar ereta, observando as sombras escuras das árvores pela estrada, mas me vi cada vez mais inclinada para Jamie, e meus olhos se fechavam apesar de eu me esforçar para mantê-los abertos.

Jamie passou as rédeas para a mão esquerda, e passando os braços pelas minhas costas, me puxou para encostar em seu ombro. Como sempre, eu me senti segura quando o toquei. Fiquei relaxada com o rosto pressionado contra o tecido empoeirado de seu casaco, e caí de vez naquele cochilo inquieto que é consequência de uma mistura de puro cansaço e da incapacidade de deitar.

Abri os olhos uma vez e vi Duncan Innes, magro e esguio, andando ao lado da carroça com seu passo incansável de montanhista, com a cabeça baixa como se pensasse muito. Então, eu os fechei de novo e cochilei, e as lembranças do dia se misturaram aos fragmentos incipientes dos sonhos. Sonhei com um gambá gigante dormindo embaixo da mesa de uma taverna, que acordou para participar do refrão do hino norte-americano, e também com um cadáver que se remexia e levantou a cabeça e sorriu com olhos vazios. Acordei com Jamie me sacudindo levemente.

– É melhor você ir para a traseira e se deitar, Sassenach – disse ele. – Está falando enquanto dorme. Vai acabar escorregando para fora.

Assentindo sonolenta, eu passei, desajeitada, por cima do encosto do assento, mudando de lugar com Bonnet, e encontrei um lugar no chão da carroça ao lado do jovem Ian, que se espalhara ali.

O cheiro ali era de mofo e coisa pior. Ian apoiava a cabeça em um pacote de carne de veado, coberto pela pele não curtida do animal. Rollo estava um pouco melhor, com o focinho peludo apoiado confortavelmente na barriga de Ian. Eu escolhi o saco de sal. O couro liso era duro sob minha face, mas não tinha cheiro.

As tábuas soltas da carroça não podiam ser consideradas confortáveis nem com muita imaginação, mas o alívio por poder esticar todo o corpo foi tão grande que quase não notei os solavancos e baques. Deitei de barriga para cima e olhei para a intensa escuridão do céu do sul, tomado por estrelas brilhantes. Cristo Iluminado,

pensei, e me consolei na ideia de Gavin Hayes encontrando o caminho seguro para casa com as luzes do céu, e adormeci mais uma vez.

Não poderia dizer por quanto tempo dormi, envolta num misto de calor e exaustão. Acordei quando o ritmo da carroça mudou, voltando à consciência, encharcada de suor.

Bonnet e Jamie estavam conversando, no tom tranquilo e baixo de homens que tinham passado pela estranheza inicial de terem acabado de se conhecer.

– Você disse que me poupou por Gavin Hayes e por você – dizia Bonnet. Sua voz era suave, quase inaudível em meio ao barulho das rodas. – O que quis dizer com aquilo, senhor, e me perdoe por perguntar...

Jamie não respondeu na hora; quase adormeci de novo antes disso, mas ele finalmente falou, uma resposta solta no ar quente da noite.

– Você não deve ter dormido muito ontem à noite, creio eu. Sabendo o que aconteceria hoje.

Bonnet riu baixinho, mas não estava exatamente se divertindo.

– Isso mesmo – disse ele. – Duvido que me esquecerei dessas coisas logo.

– Também não esquecerei. – Jamie disse algo baixinho em gaélico para os cavalos e eles diminuíram o ritmo. – Certa vez, passei uma noite assim, sabendo que seria enforcado quando amanhecesse. Mas vivi, graças a um homem que arriscou muito para me salvar.

– Compreendo – disse Bonnet baixinho. – Então, você é um *asgina ageli*, certo?

– Hein? O que seria isso?

Ouvi um barulho de folhas sendo raspadas contra a lateral da carroça e o cheiro apimentado das árvores se tornou mais forte de repente. Algo leve tocou meu rosto. Eram folhas, caindo de cima. Os cavalos andaram mais devagar e o ritmo da carroça mudou claramente, pois as rodas passavam por uma superfície irregular. Nós havíamos entrado na estrada pequena que levava ao riacho de Bonnet.

– *Asgina ageli* é um termo que os índios usam, os cherokees das montanhas. Ouvei um deles dizer isso quando trabalhei como guia certa vez. Quer dizer “meio fantasma”, uma pessoa que já deveria ter morrido, mas que, ainda assim, permanece na Terra: uma mulher que sobrevive a uma doença mortal, um homem pego pelos inimigos, mas que consegue escapar. Dizem que um *asgina ageli* tem um pé na Terra e outro no mundo espiritual. Ele consegue falar com espíritos e ver as Nunnahee, ou Pessoas Pequenas.

– Pessoas Pequenas? Seriam as fadas? – Jamie parecia surpreso.

– Algo assim. – Bonnet se endireitou no assento, que rangeu quando ele se esticou.

– Os índios dizem que as Nunnahee vivem dentro das rochas das montanhas e saem para ajudar seu povo em épocas de guerra ou outros males.

– É mesmo? Seria algo como as histórias que eles contam nas Terras Altas da Escócia, então... dos Auld.

– Isso mesmo. – Bonnet parecia se divertir. – Bem, pelo que ouvi dos escoceses das Terras Altas, eles e os índios têm um comportamento bárbaro bem parecido.

– Bobagem – disse Jamie, sem se ofender nem um pouco. – Os índios comem o coração de seus inimigos, pelo que ouvi. Prefiro um bom prato de mingau de aveia.

Bonnet emitiu um som, rapidamente reprimido.

– Você é das Terras Altas? Bem, posso dizer que, para um bárbaro, eu o considerei como um civil comum, senhor – disse ele a Jamie, num tom bem-humorado.

– Sinto-me profundamente agradecido por sua gentil opinião, senhor – respondeu Jamie com a mesma polidez.

As vozes deles foram encobertas pelo ranger ritmado das rodas e eu dormi de novo sem conseguir ouvir mais nada.

A lua estava baixa sobre as árvores quando paramos. Acordei com os movimentos do jovem Ian, passando sonolento pela lateral da carroça para ajudar Jamie a cuidar dos cavalos. Levantei a cabeça e vi uma extensão de água passando pelas barrancas de terra e lodo, e o riacho era uma parte escura com brilho prateado onde as folhas se prendiam às rochas perto da margem. Bonnet, com o eufemismo típico do Novo Mundo, poderia chamá-lo de riacho, mas a maioria dos barqueiros o consideraria um bom rio, pensei.

Os homens caminhavam de um lado para outro nas sombras, realizando as tarefas murmurando poucos comentários. Eles se movimentavam com uma lentidão incomum, pareciam sumir na noite, desanimados pela fadiga.

– Procure um lugar para dormir, Sassenach – disse Jamie, parando para me ajudar a descer da carroça. – Preciso cuidar para que nosso convidado parta com provisões, e os animais precisam descansar e pastar.

A temperatura não havia diminuído desde que a noite caíra, mas o ar parecia mais fresco aqui perto da água, e eu me animei um pouco.

– Não posso dormir se não tomar banho – disse, afastando do corpo o corpete encharcado do meu vestido. – Eu me sinto péssima. – Meus cabelos estavam grudados com suor em minhas têmporas e eu sentia o corpo sujo e com coceira. A água escura parecia fria e convidativa.

Jamie lançou um olhar desejoso a ela, ajeitando a calça amassada.

– Não posso dizer que não a entendo. Mas seja cuidadosa. Bonnet disse que o canal na parte do meio é fundo o bastante para permitir que um brigue flutue. E é um riacho caudaloso, tem corrente forte.

– Ficarei perto da margem. – Apontei rio abaixo, onde um ponto pequeno de terra marcava uma curva no riacho, seus salgueiros brilhando prateados à luz da lua. – Está vendo aquele pequeno ponto? Deve haver uma contracorrente ali.

– Bem, então tome cuidado – disse ele de novo, e apertou meu cotovelo para se despedir.

Quando me virei, um corpo claro e grande apareceu à minha frente. Era nosso convidado, com uma das pernas da calça manchada com o sangue escuro e seco.

– A seu dispor, senhora – disse ele, fazendo uma reverência decente, apesar da perna ferida. – Posso me despedir? – Ele estava parado um pouco mais perto de mim do que eu gostaria, e controlei a vontade de recuar um passo.

– Pode – disse, e meneei a cabeça para ele, afastando uma mecha solta de cabelo.
– Boa sorte, sr. Bonnet.

– Agradeço pelos gentis votos, senhora – respondeu ele delicadamente. – Mas descobri que, na maioria das vezes, um homem faz sua sorte. Boa noite, senhora. – Ele se abaixou mais uma vez e se virou, mancando muito, como o fantasma de um urso aleijado.

O correr do riacho mascarava a maior parte dos sons comuns da noite. Vi um morcego piscar no meio de uma parte iluminada pela luz da lua sobre a água, em busca de insetos pequenos demais para ver, e desaparecer na noite. Se mais alguma coisa se embrenhava no escuro, estava em silêncio.

Jamie resmungou baixinho para si mesmo.

– Bem, tenho minhas dúvidas em relação ao homem – disse ele, como se respondesse à pergunta que eu não fizera. – Espero ter sido bom de coração e não ruim da cabeça por tê-lo ajudado.

– Você não poderia tê-lo deixado para morrer enforcado, afinal – falei.

– Ah, sim, eu poderia – respondeu ele, me surpreendendo.

Jamie me viu olhar para ele e sorriu, e o esboço do sorriso quase não foi visto na escuridão.

– A Coroa nem sempre escolhe o homem errado para enforçar, Sassenach – disse ele.
– Com muita frequência, o homem na ponta da corda merece estar ali. E eu não gostaria de achar que ajudei um vilão a se livrar. – Ele deu de ombros e afastou os cabelos do rosto.
– Bem, está feito. Vá tomar seu banho, Sassenach. Acompanharei você assim que puder.

Eu me levantei na ponta dos pés para beijá-lo e percebi que ele sorria. Minha língua tocou seus lábios num convite sutil e ele mordeu meu lábio inferior com delicadeza, em resposta.

– Podemos ficar acordados um pouco mais, Sassenach?

– Quanto precisar – disse a ele. – Mas não demore, está bem?

Havia uma área gramada ao redor do ponto abaixo dos salgueiros. Eu me despi lentamente, aproveitando a sensação da brisa vinda da água passando pelo tecido úmido do corpete e das meias, e a liberdade final quando as últimas peças de roupa caíram no chão, deixando-me nua.

Entrei alegre na água, que estava surpreendentemente fria em comparação com o ar quente noturno. O chão sob meus pés era formado por lodo, em sua maior parte, mas se tornava uma areia fina a 1 metro da margem.

Apesar de ser um riacho caudaloso, estávamos na parte alta e a água era fresca e doce. Eu bebi e lavei o rosto, tirando a poeira da garganta e do nariz.

Entrei até o meio das coxas, pensando nos alertas de Jamie a respeito de canais e correntes. Depois do calor sufocante do dia e do ar pesado da noite, a sensação de frieza na pele nua foi um grande alívio. Peguei a água fria formando conchas com as mãos e molhei o rosto e os seios. As gotas desciam por minha barriga e escorriam geladas entre minhas pernas.

Pude sentir a pressão da água vindo, passando delicadamente contra minhas panturrilhas, levando-me em direção à margem. Mas eu ainda não estava pronta para sair. Não tinha sabão, mas me ajoelhei e molhei os cabelos várias vezes na água clara e esfreguei o corpo com punhados de areia fina até sentir a pele fina e reluzente.

Por fim, saí da água e me deitei em cima de uma rocha, lânguida como uma sereia, à luz da lua, com o calor do ar e a pedra quente pelo sol confortando meu corpo agora frio. Penteei meus cabelos grossos e encaracolados com os dedos, espalhando gotas de água. A pedra molhada tinha cheiro de chuva, empoeirada e formigante.

Eu me sentia muito cansada, mas, ao mesmo tempo, muito viva, naquele estado de leve consciência no qual o pensamento se torna mais lento e as leves sensações físicas aumentam. Passei os pés descalços mais devagar sobre a rocha sedimentária, aproveitando a leve fricção, e corri a mão levemente pela lateral interna de minha coxa, com um arrepio surgindo depois do meu toque.

Meus seios eram iluminados pelo luar, domos brancos e frios salpicados por gotas transparentes. Acaricieei um mamilo e o observei lentamente enrijecer, como num passe de mágica.

Que lugar mágico, pensei. A noite estava silenciosa e calma, mas com uma atmosfera lânguida que era como flutuar em um mar quente. Perto da costa, o céu estava claro, e as estrelas brilhavam como diamantes, com uma luz clara e intensa.

Um barulho na água me fez olhar na direção da corrente. Nada se movia na superfície além do piscar das estrelas, presas como vaga-lumes em uma teia de aranha.

Enquanto eu observava, uma cabeça grande irrompeu na água no meio da corrente, e a água escorria no focinho pontudo. Havia um peixe se debatendo na boca de Rollo. Sua cauda e o brilho das escamas apareceram brevemente quando ele balançou a cabeça com força para quebrar sua coluna. O cachorro enorme nadou devagar para a margem, balançou o corpo para se enxugar e se afastou, com a refeição da noite pendurada, imóvel e reluzente, em suas mandíbulas.

Ele parou por um momento no lado mais distante do riacho, olhando para mim, e o pelo de seu pescoço era uma sombra escura emoldurando os olhos amarelos e o peixe brilhoso. Como uma pintura primitiva, pensei. Algo de Rousseau, com seu contraste de total selvageria e imobilidade.

Então, o cachorro se foi, e não restou mais nada na margem além de árvores, escondendo o que podia haver atrás delas. E o que havia?, eu me perguntei. Mais árvores, respondeu a parte lógica de minha mente.

– *Muito* mais – murmurei, olhando para a escuridão misteriosa.

A civilização, mesmo aquela primitiva com a qual eu me acostumara, não passava de uma linha fina e crescente à beira do continente. A 400 quilômetros da costa, você ficava além das redondezas da cidade e do campo. E além daquele ponto, havia 5 mil quilômetros... do quê? De mata, certamente, e de perigo. De aventura também... e de liberdade.

Era um mundo novo, afinal, sem medo e tomado de alegria, pois agora Jamie e eu estávamos juntos para o resto de nossas vidas. A separação e o pesar tinham ficado para trás. Nem mesmo pensar em Brianna me causava remorso. Sentia muita saudade dela e pensava nela toda hora, mas sabia que Brianna estava em segurança em sua própria época, o que tornava sua ausência mais fácil de suportar.

Permaneci deitada na rocha, o calor preso do dia irradiava de sua superfície para meu corpo, feliz por apenas estar viva. As gotas de água secavam em meus seios enquanto eu olhava, transformando-se em uma camada de umidade, desaparecendo totalmente em seguida.

Pequenas nuvens de maruins sobrevoavam a água. Não conseguia vê-los, mas sabia que estavam ali devido aos barulhos de peixes saltando para pegá-los no ar.

Os insetos eram uma praga onipresente. Eu examinava a pele de Jamie cuidadosamente todas as manhãs, arrancando carrapatos vorazes e pulgas de seus vincos, e cobria todos os homens com o sumo das folhas de tabaco e poejo amassadas. Isso impedia que eles fossem devorados vivos pelas nuvens de mosquitos, maruins e mosquitos-pólvora que ficavam nas sombras escurecidas pelo sol na mata, mas não impedia que grupos de insetos intrometidos os enlouquecessem com zunidos e invasões aos ouvidos, olhos, narizes e bocas.

Estranhamente, a maioria dos insetos não me atacava. Ian brincava dizendo que o forte cheiro das ervas que ficavam ao meu redor deveria afastar todos eles, mas eu achava que era algo além disso. Mesmo depois de eu acabar de tomar banho, os insetos não demonstravam interesse em me perturbar.

Eu deduzia que pudesse ser uma manifestação da estranheza evolucionária que me protegia dos resfriados e de doenças simples ali. Os insetos sedentos de sangue, como os micróbios, tinham uma evolução parecida com a dos seres humanos, e eram sensíveis aos sinais químicos leves de seus anfitriões. Como vinha de outra época, eu não tinha mais exatamente os mesmos sinais, e, conseqüentemente, os insetos não me viam mais como presa.

– Ou talvez Ian esteja certo e meu cheiro seja péssimo – disse em voz alta.

Enfie os dedos na água e espirrei algumas gotas em uma libélula pousada em minha rocha, apenas uma sombra transparente, pois suas cores tinham sido tomadas pela escuridão.

Queria que Jamie se apressasse. Viajar durante dias na carroça ao lado dele, observar os movimentos sutis de seu corpo enquanto ele guiava, ver a luz mudando nos ângulos de seu rosto enquanto falava e sorria bastava para fazer as palmas de minhas

mãos formigarem de vontade de tocá-lo. Há dias não fazíamos amor, tomados pela pressa de chegar a Charleston e pelas minhas inibições em relação à intimidade ao alcance dos ouvidos de uma dúzia de homens.

Um sopro de brisa quente passou por mim, e meus pelos púbicos pequenos se eriçaram com a sensação. Não havia pressa agora nem ninguém para ouvir. Desci a mão pela curva suave de minha barriga e pela pele ainda mais suave do lado interno de minhas coxas, onde o sangue pulsava lentamente no ritmo do meu coração. Fiz uma concha com a mão, sentindo a região úmida e inchada doer de desejo.

Fechei os olhos, esfregando devagar, aproveitando a sensação de urgência cada vez maior.

– E onde diabos está *você*, Jamie Fraser? – murmurei.

– Aqui – foi a resposta rouca.

Sobressaltada, abri os olhos. Ele estava dentro do riacho, a 2 metros, com água até as coxas, a genitália rígida e escura contra o brilho pálido de seu corpo. Seus cabelos estavam soltos ao redor dos ombros, emoldurando um rosto branco como ossos, olhos que não piscavam e atentos como os de um cão-lobo. Completamente selvagem e imóvel.

Então Jamie se mexeu e caminhou em minha direção, ainda determinado, porém não mais parado. Suas coxas estavam frias como a água quando me tocou, mas em poucos segundos, ele se aqueceu e esquentou. O suor surgiu de uma vez onde suas mãos tocavam minha pele e uma onda de umidade quente encharcou meus seios mais uma vez, deixando-os redondos e escorregadios contra seu peito firme.

Então, seus lábios se moveram em direção aos meus e eu derreti – quase literalmente – em seus braços. Não me importei com o calor nem em pensar se a umidade de minha pele era o suor dele ou o meu. Até mesmo as nuvens de insetos se tornaram insignificantes. Ergui o quadril e ele se encaixou, liso e firme, e o último vestígio de frieza nele foi envolvido pelo meu calor, como o metal frio de uma espada, saciado no sangue quente.

Minhas mãos tocaram uma camada de umidade nas curvas de suas costas e meus seios tremeram contra o peito dele, um regato descendo entre eles para untar a fricção das barrigas com as coxas.

– Meu Deus, sua boca está úmida e salgada como sua vagina – murmurou ele, e tocou com a língua as gotas salgadas em meu rosto, com toques suaves nas têmporas e nos cílios.

Eu mal notava a rocha dura sob meu corpo. O calor acumulado do dia subia e passava por minha pele, e a superfície áspera raspava minhas costas e nádegas, mas eu não me importei.

– Não aguento esperar – disse ele em meu ouvido, sem fôlego.

– Não espere – respondi, e envolvi seu quadril com minhas coxas, carne a carne na loucura breve da dissolução. – Já ouvi falar de derreter de paixão – falei, um pouco ofegante –, mas isso é absurdo.

Ele levantou a cabeça do meu seio com um leve som de aderência quando desgrudou o rosto. Ele riu e escorregou levemente para o lado.

– Meu Deus, está quente! – disse ele. Afastou os cabelos encharcados de suor da testa e suspirou, com o peito ainda ondulante devido ao esforço. – Como as pessoas fazem isso quando está assim?

– Do mesmo modo que acabamos de fazer – respondi, também ofegante.

– Não podem – disse ele com certeza. – Não o tempo todo. Elas morreriam.

– Bem, talvez façam mais devagar – falei. – Ou dentro da água. Ou esperem até o outono.

– Outono? – perguntou ele. – Talvez eu não queira morar no sul, então. É quente em Boston?

– Nessa época do ano, sim – garanti. – E absurdamente frio no inverno. Tenho certeza de que você se acostumará com o calor e com os insetos.

Ele afastou um mosquito irritante de seu ombro, olhou para mim e depois para o riacho próximo.

– Talvez – disse ele –, e talvez não, mas por enquanto... – Ele me abraçou com firmeza e rolou. Com a graça de um tronco pesado, rolamos pela beira da rocha e caímos na água.

Permanecemos deitados e refrescados sobre a rocha, quase desencostados, e as últimas gotas de água evaporavam de nossas peles. Do outro lado do riacho, os salgueiros deitavam as folhas na água, seus topos contra o escuro da lua que se punha. Além daquele ponto, os salgueiros tomavam toda a área, metros e quilômetros de floresta virgem, e a civilização agora não ocupava mais do que um ponto de apoio à beira do continente.

Jamie viu a direção de meu olhar e adivinhou meus pensamentos.

– Será bem diferente agora do que da última vez que você viu, não? – Ele assentiu na direção das folhas escuras.

– Ah, um pouco. – Dei a mão a ele, e meu polegar acariciava os nós grandes e ossudos de seus dedos. – As estradas estarão pavimentadas. Não com paralelepípedos, mas cobertas por aquela coisa dura e lisa, inventada por um escocês chamado MacAdam, na verdade.

Ele resmungou achando graça.

– Então haverá escoceses na América? Que bom!

Eu o ignorei e continuei, olhando para as sombras em movimento como se pudessem enxergar as cidades enormes que um dia surgiriam ali.

– Haverá muita gente na América. Toda a terra estará colonizada, daqui até o lado oeste da costa, a um lugar chamado Califórnia. Mas por enquanto... – Eu tremi levemente, apesar do ar quente e úmido –, são 5 mil quilômetros de deserto. Não há nada lá.

– Sim, nada além de milhares de selvagens sedentos por sangue – disse ele com desenvoltura. – E animais selvagens, com certeza.

– Ah, sim – concordei. – Acho que sim. – Aquela ideia era perturbadora. É claro que eu sabia, de modo acadêmico e vago, que as matas eram habitadas por índios, ursos e outros moradores da floresta, mas essa ideia geral de repente fora substituída por uma consciência particular e mais forte de que poderíamos com facilidade, e de modo inesperado, dar de cara com um desses moradores.

– O que acontece com eles? Com os índios selvagens? – perguntou Jamie com curiosidade, espiando na escuridão como eu, como se tentasse adivinhar o futuro entre as sombras em movimento. – Eles serão derrotados e repelidos, não?

Mais um arrepio leve passou por mim, e meus dedos do pé se torceram.

– Sim, serão – disse eu. – Mortos, muitos deles. Muitos serão levados como prisioneiros e trancados.

– Bem, isso é bom.

– Depende muito do seu ponto de vista – falei de modo meio seco. – Acho que os índios não pensarão assim.

– Acredito que sim – falou ele. – Mas quando um maldito demônio está fazendo o melhor que pode para arrancar a minha cabeça, não me preocupo muito com esse ponto de vista, Sassenach.

– Bem, não podemos culpá-los – protestei.

– Eu posso, certamente – assegurou ele. – Se um dos brutos ferir você, vou culpá-lo muito.

– Ah... hum – falei. Pigarreei e tentei de novo. – Bem, e se um monte de desconhecidos viesse e tentasse matar você e jogá-lo para fora da terra onde sempre viveu?

– Fizeram isso – disse ele, de modo muito seco. – Se não tivessem feito, eu ainda estaria na Escócia, certo?

– Bem... – falei hesitando. – Mas o que quero dizer é... você também lutaria sob essas circunstâncias, não?

Ele respirou fundo e soltou o ar com força pelo nariz.

– Se um dragão inglês fosse à minha casa e comesse a me importunar, certamente eu lutaria contra ele – afirmou ele. – Eu não hesitaria nem um pouco em matá-lo. Não cortaria seu escalpo nem o balançaria por aí, e não comeria suas partes íntimas. Não sou um selvagem, Sassenach.

– Eu não disse que você é – protestei. – Só disse que...

– Além disso, não pretendo matar nenhum índio – acrescentou ele com uma lógica inexorável. – Se eles cuidarem da própria vida, não precisarão se preocupar nem um pouco comigo.

– Tenho certeza de que eles ficarão aliviados em saber disso – murmurei, desistindo por enquanto.

Permanecemos deitados muito próximos na depressão da rocha, levemente grudados com suor, olhando para as estrelas. Ao mesmo tempo, eu me sentia muito feliz e um pouco apreensiva. Será que esse estado de exaltação poderia durar? Antes, eu já havia acreditado no “para sempre” entre nós, mas eu era mais jovem naquela época.

Em breve, pela vontade de Deus, estaríamos estabelecidos. Encontraríamos um lugar para construir um lar seguro e também uma vida. Eu não queria nada além disso, mas, ao mesmo tempo, me preocupava. Desde minha volta, nós nos conhecíamos havia apenas alguns meses. Cada toque, cada palavra ainda era tomada pela lembrança e era nova com a redescoberta. O que aconteceria quando estivéssemos totalmente acostumados um com o outro, vivendo dia a dia em uma rotina de tarefas cotidianas?

– Você acha que vai se cansar de mim? – murmurou ele. – Quando estivermos estabelecidos?

– Eu estava pensando a mesma coisa a seu respeito.

– Não – disse ele, e eu percebi o sorriso em sua voz. – Não vou, Sassenach.

– Como sabe?

– Já sabia. Antes. Estávamos casados havia três anos e eu quis você no último dia tanto quanto quis no primeiro. Talvez mais – disse ele com delicadeza, pensando, assim como eu, na última vez que havíamos feito amor antes de eu passar através das pedras.

Eu me inclinei e o beijei. Seu cheiro era de limpeza e frescor, com um leve toque de sexo.

– Eu também – respondi.

– Então não se preocupe com isso, Sassenach, e também não me preocuparei. – Ele acariciou meus cabelos, afastando as mechas encaracoladas de minha testa. – Acho que poderia conhecer você a vida toda e ainda amá-la. E quando me deito ao seu lado, você ainda me surpreende muito às vezes, como fez hoje.

– Surpreendo? Por quê? O que fiz? – Olhei para ele, surpresa.

– Ah...bem. Eu não quis dizer... ou melhor...

De repente, ele pareceu tímido, e ficou tenso de um modo incomum.

– Hum? – Beijei a ponta de sua orelha.

– Ah... quando vi você... o que você estava fazendo... Quero dizer, você estava fazendo o que pensei?

Sorri com o rosto encostado em seu ombro na escuridão.

– Acho que depende do que você pensou, certo?

Ele se apoiou em um cotovelo, e sua pele se afastou da minha com um leve som de sucção. O ponto úmido onde Jamie estava encostado esfriou repentinamente. Ele se virou de lado e sorriu para mim.

– Você sabe muito bem o que pensei, Sassenach.

Toquei seu queixo, escurecido pela barba que nascia.

– Sei. E você também sabe perfeitamente bem o que eu estava fazendo, então por que está perguntando?

– Bem, eu só não sabia que as mulheres faziam isso.

A lua estava clara o suficiente para eu poder ver sua sobrancelha meio erguida.

– Bom, os homens fazem – falei. – Ou você faz, pelo menos. Você me contou... quando estava na prisão, disse que...

– Era diferente! – Vi sua boca se entortar enquanto ele tentava decidir o que dizer.
– Eu... quero dizer, não tinha como evitar. Afinal, eu não podia...

– Você não fez isso outras vezes? – Eu me senti e chacoalhei os cabelos úmidos, virando a cabeça para olhar para ele. Não dava para ver no escuro, mas acho que ele corou.

– Sim, bem – murmurou ele. – Acho que sim. – Um pensamento lhe ocorreu de repente e seus olhos se arregalaram olhando para mim. – Você... tem feito isso... com frequência? – A última palavra saiu rouca e ele foi obrigado a parar e pigarrear.

– Acho que depende do que você quer dizer com “com frequência” – disse, mostrando um pouco de acidez em meu tom de voz. – Passei dois anos viúva, você sabe. Jamie passou um nó do dedo sobre os lábios, olhando para mim com interesse.

– Sim, eu sei. É só que... bem, eu não pensei que as mulheres fizessem isso. – Um fascínio cada vez maior superava sua reação surpresa. – Você consegue.... terminar? Quero dizer, sem um homem?

Aquilo me fez rir alto, e o eco soou das árvores ao nosso redor, repetido pela água.

– Sim, mas é muito melhor com um homem – garanti a ele. Estiquei o braço e toquei seu peito. Consequia ver os arrepios na pele do peito e dos ombros, e Jamie estremeceu levemente enquanto eu passava a ponta do dedo num círculo ao redor de seu mamilo. – Bem melhor.

– Ah – disse ele, parecendo feliz. – Bem, isso é bom, não?

Ele estava quente, ainda mais quente do que o ar úmido, e meu primeiro instinto foi me afastar, mas não obedeci. O suor surgiu onde as mãos dele tocavam minha pele e escorreu pelo meu pescoço.

– Nunca fiz amor com você assim antes – disse ele. – Como enguias, sabe? Com seu corpo escorregando por minhas mãos, escorregadia como alga marinha. – As duas mãos desceram lentamente por minhas costas, seus polegares pressionando o sulco de minha espinha, fazendo os pelinhos na base de meu pescoço se eriçarem de prazer.

– Hum. Porque faz frio demais na Escócia e não suamos como porcos – falei. – Por falar nisso, os porcos suam? Sempre quis saber.

– Não sei dizer. Nunca fiz amor com um porco. – Ele abaixou a cabeça e encostou a língua em meu seio. – Mas você tem gosto de truta, Sassenach.

– Tenho gosto do *quê*?

– Fresca e doce, com um toque de sal – explicou ele, levantando a cabeça por um momento. Voltou a abaixá-la e retomou o caminho para baixo.

– Isso faz cócegas – disse, estremeçando sob sua língua, mas sem tentar fugir.

– Bom, eu queria que fizesse mesmo – respondeu ele, levantando o rosto molhado para respirar antes de voltar ao que fazia. – Não gostaria de pensar que você consegue se virar completamente sem mim.

– Não consigo – garanti a ele. – Ah!

– Hein? – perguntou ele, confuso.

Eu me deitei na rocha, arqueando as costas enquanto as estrelas giravam de modo estonteante no céu.

– Eu disse... ah! – respondi sem forças.

E então não disse mais nada coerente durante algum tempo, até ele se deitar ofegante, com o queixo apoiado levemente em meu osso púbico. Estiquei o braço e acariciei os cabelos molhados de suor de seu rosto, e Jamie virou a cabeça para beijar a palma da minha mão.

– Eu me sinto como Eva – disse baixinho, observando a lua se pôr atrás dele, sobre a escuridão da floresta. – À beira do jardim do Éden.

Ouvi uma risada perto de meu umbigo.

– Sim, acho que sou Adão – disse Jamie. – No portão para o paraíso. – Ele virou a cabeça para olhar para o outro lado do riacho, em direção ao vasto desconhecido, encostando o rosto na elevação da minha barriga. – Só gostaria de saber se estou entrando ou saindo.

Eu ri e ele se sobressaltou. Segurei-o pelas duas orelhas para que subisse pela expansão escorregadia da minha pele nua.

– Entrando – disse. – Não vejo um anjo com uma espada de fogo, afinal.

Jamie se encostou em mim, sua pele quente como se ele estivesse febril, e eu estremei sob seu corpo.

– Não? – murmurou ele. – Bem, acho que você não olhou muito de perto.

E então a espada de fogo me tirou a consciência e incendiou meu corpo. Nós ardemos juntos, brilhantes como estrelas no céu do verão, e então voltamos queimados e sem controle, cinzas dissolvidas em um mar primordial de sal cálido, surgindo com os movimentos nascentes da vida.